

JK É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELA INTRANQUILIDADE DO PAÍS

Mais do que os estampidos das bombas que explodiram na COFAP e no Conselho Coordenador do Abastecimento, ameaçam aturdir a opinião pública as variadas versões que começam a circular sobre as causas e móveis do atentado.

Desde logo, não podemos aceitar a explicação partida de certos círculos, segundo a qual os atos terroristas teriam uma origem popular. E' condenável que um jornal como «Última Hora» se faça porta-voz de tal versão, ao afirmar que «o desespero popular evoluiu perigosamente, da confusão sem características especiais para uma manifestação organizada» e «escolhe o terrorismo para apresentar-se à nação, quer dizer, escolhe a mais perigosa e condenável prática de ação política».

E' certo que a indignação do povo está crescendo dia a dia, e se volta contra a política econômica do governo, em particular contra a política de abastecimento e preços. Um profundo descontentamento se gera nas filas da carne que atravessam as madrugadas. Revolta justificada e legítima, quando o sr. Juscelino Kubitschek trai uma vez mais o povo que elegeu e curva-se, subserviente, diante dos frigoríficos estrangeiros. Mas os métodos terroristas não constituem o instrumento de ação a que recorrem as forças populares do Brasil na atual conjuntura política. Por que iriam os trabalhadores e o povo recorrer aos atentados à bomba, quando dispõem de meios de luta mais efetivos para obter e atendimento às suas reivindicações?

Repelimos igualmente, com toda a energia, as insinua-

ções que têm sido feitas no sentido de atribuir aos comunistas a execução do plano terrorista. Denunciamos estas insidias como uma trama criminosas que tem em mira distrair a opinião pública dos verdadeiros focos responsáveis pela provocação. Não é de admirar que as primeiras calúnias partam precisamente de círculos do Conselho de Segurança Nacional, onde o coronel Humberto de Melo usa a capa do anticomunismo como camuflagem para ocultar suas manobras inconfessáveis contra os interesses do país.

Os comunistas não se dedicam ao emprego de tais métodos, preocupados como estão em organizar o movimento operário e patriótico, em mobilizar o povo, mediante a utilização dos direitos constitucionais, para alcançar as modificações que já se tornam imperiosas na política e na própria composição do atual governo. A atividade dos comunistas não se manifesta em conspirações feitas na sombra, porque se exerce através de uma ação clara e desassombrada, no seio do povo e de suas organizações, com o objetivo de forjar a união nacionalista e popular para a vitória nas eleições de 1960.

A responsabilidade pelo clima de intranquilidade e insegurança que envolve o país cabe ineludivelmente, em primeiro lugar, ao governo do sr. Kubitschek, que realiza uma política de concessões aos interesses monopolistas estrangeiros, de alta desenfreada do custo da vida e de menosprezo pelo bem-estar da população. E' esta política que alimenta não apenas o descontentamento popular, mas também as tramas

dos grupos interessados em interromper o processo democrático para atingir seus objetivos antinacionais. Entre estes grupos, e não no meio do povo, é que se deve ir buscar as mãos que colocaram os engenhos explosivos nas repartições do governo.

Não se pode aceitar tampouco a tentativa feita por «Última Hora» no sentido de diluir as responsabilidades pela situação que o país atravessa, ao acusar «as elites dirigentes», caracterizadas como se abrangessem «não apenas os homens do governo», mas «homens da direita, do centro e da esquerda», ou seja, todas as forças políticas, inclusive as forças nacionalistas e populares. Serão porventura, os setores representativos do povo responsáveis pela vergonhosa capitulação do sr. Kubitschek diante dos trustes? Mas como, se eles lutaram e lutam ainda pela intervenção nos frigoríficos e contra o aumento do preço da carne? Como acusar as forças nacionalistas e o movimento operário, que têm apontado ao governo soluções claras e viáveis para as dificuldades que o país enfrenta?

Chegou o momento em que o sr. Kubitschek deve se decidir por uma política de sentido nacionalista e popular ou continuar trilhando o caminho tortuoso pelo qual enveredou, acolitado por entreguistas e conciliadores.

Enquanto desprezar os interesses vitais do povo, o governo terá nas mãos uma bomba de estopim aceso, prestes a explodir.

ANO — RIO, SEMANA DE 13 A 19 DE NOVEMBRO DE 1959 — N.º 38

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

**BNDE
DÁ
DINHEIRO
A
LIGHT**

(6.ª página)

Romano na COFAP:

Manobra Descarada Em Favor Dos Frigoríficos

(NA 3.ª PÁGINA)

Resposta a 5 Perguntas Sobre o Lunik III:

- 1) — O que revelou a face desconhecida da Lua?
- 2) — Como as fotografias foram tiradas?
- 3) — Como foram transmitidas?
- 4) — Qual o interesse científico dessa façanha?
- 5) — O homem dominará em breve o cosmos?

(Na 8.ª página)



Prestes e Mao Tse-Tung

Luis Carlos Prestes acaba de visitar a República Popular da China, onde assistiu às festas comemorativas do 10.º aniversário de sua fundação. Prestes percorreu várias regiões do país, tomando conhecimento das grandiosas transformações por que passa a China sob o socialismo. Aqui vemos-o em Chantung em companhia do Presidente do Partido Comunista da China, Mao Tse-tung. Da China, Prestes seguiu para Moscou, onde assistiu às solenidades comemorativas do 42.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Comitê Nacional Estudantil Pró-Lott

O Comitê Nacional Estudantil Pró-Lott vai ser instalado, hoje, dia 13, às 20 horas, no 11.º andar da ABL.

O manifesto de organização do Comitê é assinado por diversos líderes estudantis entre os quais Manoel Conrado, presidente da UNE, Alfredo Viana, presidente da UME, Raimundo Nonato, Cruz presidente da UBES, Mauro Pinto Nogueira, presidente da AMES.

Ao ato de instalação deverão comparecer os deputados Bento Gonçalves, Fernando Santana, Ulisses da Carvalho, Sérgio Magalhães e outros membros da Frente Parlamentar Nacionalista. Sindicatos operários e organizações populares enviarão representantes.



Foram grandes os estragos causados pelas bombas que explodiram na COFAP e no Conselho Coordenador do Abastecimento. Na sala do Conselho (foto) ruiu uma parede e os destroços foram atirados à distância, danificando inúmeros veículos estacionados na rua do México.

Marítimos Vitoriosos Cantaram Até De Manhã

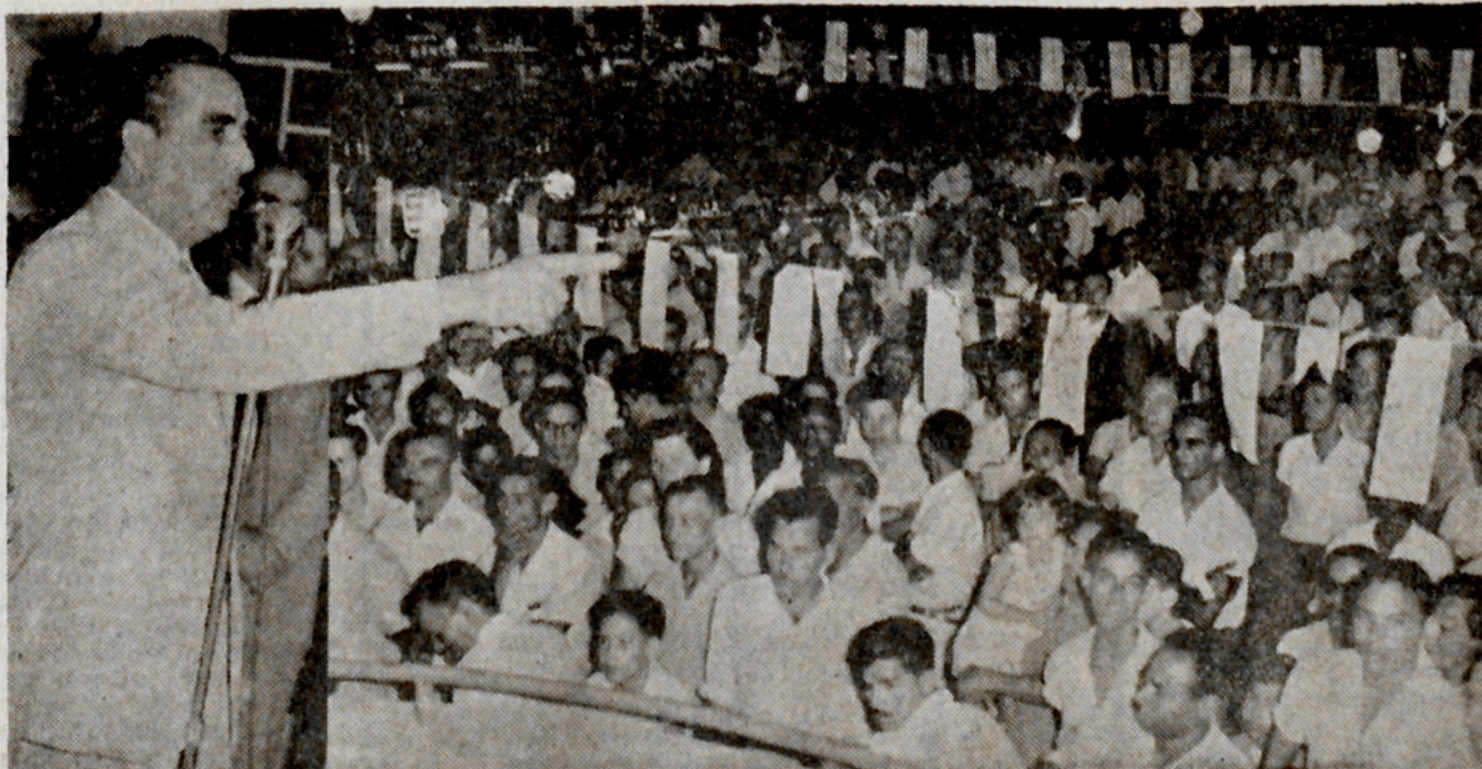
(Reportagem na 5.ª página)

BOLSAS:

Greve Nacional Dos Estudantes

(10.ª página)

Lott: A Campanha Ganha Vigor Nas Ruas



Na Praça das Nações, em Bonsucesso, realizou-se, domingo, entusiástico comício de lançamento da candidatura Lott na zona da Leopoldina. Falaram no comício e deputado José Joffily, d. Wanda Muoso, d. Antônia Barbosa, dr. Carlos da Silva Rocha, líder sindical Adalberto Rodrigues, sr. Ataúlfo Pereira, José Ramos e M. Rosa.

Os oradores foram unânimes em destacar o conteúdo nacionalista e democrático da candidatura Lott, acentuando inclusive que o candidato das forças nacionalistas não tem nenhuma responsabilidade na desenfreada carestia de vida, mas, precisamente ao contrário, tem defendido importantes medidas, como a limitação da remessa de lucros das empresas estrangeiras. Na foto, parte dos assistentes ao comício de Bonsucesso e o deputado José Joffily quando falava ao povo. (Na 3.ª página, reportagem sobre a campanha pela candidatura do marechal Lott).

7 de Novembro em Moscou

Grandes Festejos Na Maior Data Do Proletariado

O 42.º aniversário da Revolução Socialista de outubro na URSS foi comemorado solenemente em todo o imenso país soviético.

Em Moscou, as ruas, dias antes, foram profusamente adornadas e iluminadas, inclusive os perfis dos edifícios, em cujas fachadas se encontravam grandes retratos de Marx e Lênin.

Na manhã do dia 7 de novembro, na Praça Vermelha, realizou-se uma parada militar de parte da guarnição de Moscou. Foi um dos menores desfiles militares da história da URSS. Não apareceram os armamentos mais modernos, como os foguetes intercontinentais e outros.

O peso das comemorações populares na Capital da URSS foi dado ao desfile dos trabalhadores através da Praça Vermelha, em frente ao Mausoléu de Lênin e Stálin. Ali, na tribuna de honra, se encontravam os dirigentes do governo e do Partido Comunista, além de marechais e generais do exército.

A ORDEM DO DIA

Na ordem do dia que é lida tradicionalmente por ocasião da parada militar da Praça Vermelha, o Ministro da Defesa da URSS, marechal Rodion Malinóvski, disse:

— O povo soviético, todos os povos do campo socialista e todas as pessoas de boa vontade são profundamente reconhecidas ao camarada Nikita Sergievitch Kruschov pelo imenso serviço que tem prestado à causa da paz. Enquanto nossas propostas sobre o desarmamento não forem aceitas — prosseguiu Malinóvski — enquanto as bases norte-americanas dispostas em torno do território da União Soviética não forem liquidadas, a URSS verá-se obrigada a manter-se armada.

Depois de recordar e prestar homenagem ao trabalho do povo soviético no domínio da economia, da ciência e da técnica, Malinóvski afirmou que os resultados obtidos este ano em todos os terrenos são superiores aos dos anos anteriores. "A Pátria soviética avança serenamente rumo ao comunismo, emulando vito-

riosamente no terreno pacífico com o capitalismo".

Malinóvski ressaltou a fraternidade existente entre os países socialistas, os resultados alcançados pela República Popular da China, acrescentando que a balança de forças no mundo é favorável ao campo socialista.

RECEPÇÃO NO KREMLIN

A noite, no Palácio do Kremlin, foi oferecida uma recepção à qual compareceram convidados às comemorações do aniversário da Revolução e representantes diplo-

máticos acreditados em Moscou. Nessa recepção, Kruschov fez um brinde à prosperidade de todos os países, concitando-os a redobrem os esforços em seu trabalho para melhorar as relações no plano internacional, a fim de impedir os conflitos e as guerras de futuro. "Quero propor um brinde que estou certo todos aprovarão — disse Kruschov. Que a paz reine sobre a terra, que não haja mais guerras e que haja paz e amizade para sempre entre os homens".

Estas palavras de Kruschov foram saudadas calorosamente pelos presentes. No breve discurso pronunciado

nessa ocasião, o Presidente do Conselho de Ministros da URSS, depois de saudar o Partido Comunista da União Soviética — o abnegado e heróico porta-bandeira das grandes realizações da construção do socialismo fez o elogio do Exército soviético. E concluiu: "Mas, embora tenhamos orgulho de nosso Exército, estamos também prontos a dissolver-lo, a fim de assegurar uma paz sólida no mundo inteiro".

COMEMORAÇÕES NO MUNDO

Em todo o mundo foi assinada a passagem do 42.º an-

versário da Revolução que levou à vitória, pela primeira vez, o regime socialista, dando o Poder à classe operária, aos trabalhadores.

Nos países socialistas da Europa e da Ásia os festejos tiveram um cunho oficial e popular. Em Pequim, teve lugar uma grande recepção na Embaixada da União Soviética, oferecida pelo embaixador Stepan Tchervonenko. Nessa oportunidade, falou o Primeiro-Ministro chinês Chou En-lai, exaltando a amizade indestrutível que une os povos chinês e soviético, levantando brindes à unidade dos povos do mundo inteiro.

Depois Do Ataque a Cuba: Agressão No Panamá

No dia 4 de novembro, quando o povo panamenho comemorava o aniversário da sua independência, uma multidão de manifestantes foi atacada por forças militares e de polícia norte-americanas na Zona do Canal. Os manifestantes panamenhos estavam desarmados. Segundo as informações extra-oficiais o número de feridos atingiu a 120: uns feridos a baioneta e outros a bala.

A agressão brutal por parte das forças armadas dos Estados Unidos na Zona do Canal ocorreu quando os patriotas panamenhos tentaram

desfile carregando a bandeira nacional de seu país pela Avenida 4 de Julho, um dos limites entre a Cidade do Panamá e a Zona do Canal.

Ante a violência inominável das tropas americanas, os manifestantes panamenhos arrebataram a bandeira dos Estados Unidos da sede da Embaixada americana no número de feridos atingiu a 120: uns feridos a baioneta e outros a bala.

Mais tarde, a filha do Bond and Share foi atacada pelos manifestantes, sendo quebradas suas vidraças. Outras firmas norte-americanas — a Panamerican World

Airways (Panair) e a Grace Line também foram objeto de assaltos dos patriotas indignados.

Os 9 mil cidadãos norte-americanos que residem na Zona do Canal receberam ordem das autoridades americanas para não saírem à rua, ou se dirigirem à cidade do Panamá, capital do Panamá.

PROTESTO PANAMENHO

O governo do Panamá apresentou um protesto enérgico junto ao governo dos Estados Unidos contra o monstruoso ataque armado de que foram alvo seu país, cidadãos panamenhos. O protesto menciona «fatos injustificáveis, tais como o de ter-se atirado contra grupos de panamenhos desarmados».

Foram lançados ainda bombas de gás lacrimogêneo em diferentes setores da cidade do Panamá.

Novo ato foi entregue ao dia seguinte pelo governo panamenho ao Embaixador dos Estados Unidos. Nessa segunda nota de protesto, o governo do Panamá afirmava que a destruição da bandeira dos Estados Unidos fora provocada por ter sido estralçada uma bandeira panamenha pelas autoridades militares norte-

americanas da Zona do Canal.

Ao mesmo tempo, o encarregado dos negócios do Panamá em Washington reafirmou que a polícia americana da Zona do Canal ultrajara o pavilhão panamenho, provocando o ataque de que foi alvo a Embaixada dos Estados Unidos na Cidade do Panamá.

O diplomata panamenho se apoiou nas suas afirmações em notícias transmitidas pelos próprios jornalistas norte-americanos que presenciaram os acontecimentos.

O FUNDO DA QUESTÃO

O fundo da questão se encontra no próprio fato de uma parte do território do Panamá achar-se sob a jurisdição de uma potência estrangeira — os Estados Unidos. É a Zona do Canal, que corta em duas partes o pequeno país da América Central.

Os panamenhos vêm de há muito reclamando a soberania de seu país sobre a Zona do Canal e sobre a própria via que liga o Pacífico ao Atlântico, tal como acontece com o Canal de Suez, hoje sob a soberania do Egito.

Além disso, existem questões aparentemente insignificantes mas que aguçam as divergências existentes entre os Estados Unidos e o Panamá. Pelo acordo existente entre os dois países, os trabalhadores panamenhos, deveriam, ter o mesmo tratamento que os trabalhadores norte-americanos, receber o mesmo salário por um mesmo trabalho, etc. Mas tal não acontece. Os Estados Unidos jamais cumpriram estes e outros dispositivos do acordo. Os Estados Unidos, prejudicando visivelmente os interesses do Panamá, compram fora do país artigos de primeira necessidade destinados à Zona do Canal.

INQUIETOS OS NORTE-AMERICANOS

Os acontecimentos do Panamá assumiram tais proporções que causaram sérias e justificadas apreensões nos Estados Unidos. E verdade que não faltaram os míopes e os imbecis que procuraram ver nos fatos o "dedo dos comunistas". Mas até mesmo um jornal reacionário e apaixonado defensor dos interesses dos imperialistas como o "New York Times" foi obrigado a reconhecer que a coi-

sa não é tão simples. Embora insultando os patriotas panamenhos, néles vendo uma "turba" provocadora de "desordens", o jornal nova-iorquino escreveu alarmado: "Já é tempo que o nosso governo observe bem, com vistas largas, a situação na zona do Canal e formule uma política construtiva, que satisfaça os anseios panamenhos que sejam justificados. A campanha nacionalista que se estende por grande parte da

América Latina encontra no caso do Panamá um dos seus mais importantes estímulos".

E claro que o objetivo do New York Times é por panos quentes ou remendos a fim de prolongar uma situação insustentável para os imperialistas lanques. Aos Estados Unidos interessa manter seu domínio no Panamá. Ao Panamá interessa libertar-se desse domínio cada vez mais opressivo.

CINEMA AMERICANO

Promovido pelo Clube do Cinema do Rio de Janeiro, está sendo realizado no Auditório da Câmara do Distrito Federal o "Ciclo Retrospectivo do Cinema Americano". São as seguintes as próximas exhibições: dia 16, O Morro dos Ventos Uivantes; dia 23, Casse-me Com uma Felicidade; dia 30, Bloqueio. As sessões têm início às 20 horas, com a apresentação de documentários cedidos pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo.

"Problemas Brasileiros de Educação"

pelo Prof. Paschoal Lemme

Acaba de sair este novo livro que focaliza os importantes problemas da educação brasileira em discussão no momento.

Preço: Cr\$ 140,00

A venda nas livrarias — Lançamento de

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

RUA JUAN PABLO DUARTE, 50-Sob. — TEL.: 22-1613 (ex-rua das Marrecas)

RIO DE JANEIRO Atende-se pelo reembolso postal

CRÔNICA INTERNACIONAL

DUCHA DE ÁGUA FRIA

NO LITÍGIO SINO-INDIANO

A nota que acaba de dirigir o governo de Pequim ao governo da Índia sobre a questão de fronteiras entre os dois países foi uma ducha de água fria na cabeça dos interessados em manter a tensão internacional. O Primeiro-Ministro Chu En-lai propôs ao Primeiro-Ministro Jawaharlal Nehru uma conferência para solucionar o litígio. Até que se realize a conferência, propõe ainda o governo da China, as tropas dos dois países deverão retirar-se para ambos os lados da chamada linha Mac-Mahon.

O litígio fronteiriço sino-indiano vinha servindo de motivo para acerbos ataques da reação mundial contra a República Popular da China. Este país, seu governo revolucionário, o socialismo em suma, eram os culpados pelos atritos, os únicos responsáveis. Como se questões de fronteiras e choques de guardas-fronteiras não tenham ocorrido em toda a história em todos os países do mundo. E, é claro, desde que existem limites duvidosos, cada país se considera com a razão, até que um acordo entre eles ponha fim às dúvidas.

Mas, como os atritos ocorriam entre um país socialista e um país capitalista, para os reacionários em toda parte o país socialista era o culpado.

Para eles, apenas as tropas chinesas atacavam, sem jamais serem alvo das tropas de anjos que estavam no outro lado da linha divisória — uma linha indefinida, em altas cordilheiras de montanhas, em regiões desérticas.

Há alguns dias, as manchetes nos jornais burgueses gritavam que guardas indianos haviam sido mortos num choque numa área supostamente indiana. Agora, a nota de Chu En-lai afirma categoricamente que o referido choque teve lugar «bem no interior do território chinês, ao sul do passo de Kongka». Trata-se, na melhor das hipóteses, de uma zona contestada, em que ambas as partes se consideram com a razão. Assim, as manchetes escandalosas anti-chinesas tinham o objetivo evidente de envenenar a opinião pública contra a China.

A proposta de Pequim, de criação de uma zona neutra entre os dois países, até que sejam resolvidas as dúvidas fronteiriças, vem arrebatando uma arma das mãos da reação mundial, dos inimigos da República Popular da China, que são, em última análise, inimigos do socialismo.

Assim, em poucos dias os adeptos do prosseguimento da guerra fria sofreram duas derrotas. Antes da gestão conciliatória de Pequim, a Comissão da ONU para estudar a suposta intervenção «comunista» chinesa ou vietnamita no reino de Laos chegara à conclusão de que não passava de invenção tudo o que se alegara com estardalhaço durante várias semanas sobre o assunto. E foi comovente observar o silêncio da chamada «grande imprensa» em relação ao comunicado da ONU. Maior será a sua decepção ante a iniciativa de paz de Pequim.

A ZONA DO CANAL

CHANTAGEM AMERICANA

Toda vez que se reacende o litígio entre os Estados Unidos e o Panamá, o governo americano lança mão de uma desmoralizada chantagem: que se propõe a construir outro canal na zona das Antilhas ligando o Atlântico ao Pacífico. Ameaça, assim, golpear financeiramente o Panamá a fim de que cessem suas exigências em relação ao Canal.

AUMENTADA ANUIDADE

Mais tarde, surgiu outra questão entre o Panamá e os Estados Unidos. Foi a propósito do pagamento feito pelos Estados Unidos pela utilização da zona do Canal. As autoridades norte-americanas foram obrigadas a atender à justa reivindicação do Panamá de aumento da anuidade a ser paga. Esta passou de 430 mil a 1 milhão, 930 mil dólares. Segundo o acordo a respeito firmado então entre o Panamá e os Estados Unidos, o abastecimento dos navios que atravessam o canal (exceto combustíveis) é monopólio de cidadãos panamenhos e o Panamá tem o direito de receber impostos dos cidadãos não americanos que trabalham na zona.

PERMANECE A QUESTÃO

Mas permanece a questão básica: a exigência do Panamá de obter plena soberania sobre o Canal que corta o seu território ao meio. Em 1956 reacendeu-se o problema quando o Panamá fez uma declaração afirmando seu direito de soberania sobre o Canal, como foi reconhecido em relação ao Egito e o Canal de Suez.

SEMANA DA MÚSICA

A União dos Músicos do Brasil e o Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro farão comemorar nesta Capital, de 16 a 23 do corrente, a "Semana da Música". Do programa de comemorações constam inúmeras retretas, concertos e "shows" destinados à população carioca, os quais serão apresentados em vários pontos da cidade.

FONTE DE GRANDES RENDAS

O Canal do Panamá não somente favorece a navegação das companhias comerciais de navegação dos Estados Unidos, como constitui uma notável fonte de renda. Desde a abertura do Canal até 30 de junho de 1954 o governo dos Estados Unidos obteve cerca de 735 milhões de dólares de renda da navegação através do Canal.

As divergências entre os Estados Unidos e o Panamá em relação com a soberania sobre a zona do Canal — que atravessa um Estado nominalmente independente — vêm de longa data. O povo panamenho jamais se conformou com a presença de tropas americanas e de uma administração norte-americana autônoma em seu território.

A Assembléia Nacional do Panamá, em dezembro de 1947, rejeitou o acordo

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmos Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini,

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1713 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 8.º andar, S/808
Enderço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual ... Cr\$ 250,00
Semestral ... " 130,00
Trimestral ... " 70,00

Áerea ou sob registro, despesas à parte
N.º avulso .. Cr\$ 5,00
N.º atrasado .. " 8,00

Lott: a Campanha Ganha Vigor Nas Ruas



- Comícios nos vários bairros
- Intensa propaganda da candidatura
- Marcada a Convenção do PSD: de 10 a 12 de dezembro

Apoiada em dezenas de comitês nacionalistas instalados em quase todos os bairros do Distrito Federal, a campanha eleitoral do marechal Teixeira Lott ganhou, nas últimas semanas, um vigoroso impulso popular. Sábado e domingo, vários comícios foram realizados na cidade, enquanto outros estão sendo preparados para os próximos dias. A propaganda da candidatura Lott, por outro lado, adquiriu enorme amplitude. O centro da capital, como alguns bairros, estão repletos de faixas e cartazes em que, além de legendas de conteúdo nacionalista e democrático, há inscrições em que se exprime a exigência do povo no sentido de que os partidos se definam sem demora no sentido da oficialização da candidatura Lott.

Participam nesses comícios — todos eles com um grande comparecimento de massa — não só líderes dos próprios bairros como destacadas personalidades da Frente Parlamentar Nacionalista e dirigentes sindicais.

PRESSÃO SOBRE A CÚPULA

Dá-se com a candidatura Lott o oposto do que se verifica em relação à candidatura de Jânio Quadros: conta o marechal com o apoio decidido das organizações nacionalistas, sindicais e populares, enquanto as cúpulas dirigentes dos partidos situacionistas se entregam a manobras e protelam uma decisão final. Relativamente a Jânio o que se vê é a animação das direções (sua candidatura já foi lançada pela UDN e registrada pelo PDC), não existindo, porém,

um apoio organizado sério das massas.

A explicação para este fato reside nas vacilações dos setores mais reacionários e comprometidos com o entreguismo no seio do Governo e dos partidos situacionistas em marchar com decisão para a candidatura Lott. Essas vacilações se refletem até aqui em manobras realizadas abertamente para afastar a candidatura do atual ministro da Guerra. Nas últimas semanas, até poucos dias antes da Convenção da UDN, os conclaves consistiam em tentar substituir o nome de Lott pelo sr. Juraci Magalhães. Essa tentativa, porém — como muitas outras, anteriores — resultou em fracasso.

POLARIZAÇÃO INEVITÁVEL

O movimento popular, que se espalha dia a dia, em torno da candidatura Lott tem este sentido claro: impedir que novas protelações sejam tentadas, pôr fim às vacilações que se manifestam nas cúpulas do PSD e PTB, particularmente no partidário majoritário.

Por mais que tenham desistido os círculos mais reacionários do situacionismo, não é possível evitar, na luta eleitoral, a polarização nítida entre as forças nacionalistas e entreguistas. Ao lado de Jânio Quadros estão os setores que defendem a política de concessões ao ca-

pital estrangeiro, de restrições às liberdades do povo e se opõem ao desenvolvimento independente de nosso país. Isto se tornou mais claro com a Convenção da UDN, na qual Jânio se declarou, sem disfarces, um homem da livre empresa.

Por outro lado, em torno de Lott se aglutinam as forças progressistas e nacionalistas, que defendem uma política de independência em face do capital estrangeiro, e de solução democrática para os problemas do povo brasileiro.

É inútil pretender impedir essa polarização na cam-

panha sucessória. Ela é imposta pela própria realidade do país. E as exigências feitas pelo povo no sentido de que as direções do PSD e do PTB se definam revelam a compreensão desse problema pelas camadas mais esclarecidas de nossa população.

CONVENÇÃO DO PSD

A Convenção do Partido Social Democrático — cuja data foi transferida diversas vezes pelos maiores peixeiristas — foi marcada afinal para os dias 10, 11 e 12 de dezembro. A decisão foi tomada na reunião do dire-

A "LANTERNA" TEM CANDIDATO: JÂNIO

A CONVENÇÃO

Numa Convenção que foi, do começo ao fim, um espetáculo típico de ódio e intolerância do Clube da Lanterna, a UDN oficializou afinal a candidatura de Jânio Quadros. Aquela que, em 1955, era chamado pelo Sr. Carlos Lacerda de "versão brasileira de Adolf Hitler" passou a conduzir a bandeira esfaçada da ex-"eterna vigilância".

Fica assim definitivamente caracterizado o sr. Jânio Quadros como o candidato das forças de 24 de agosto — do golpe tramado pela Embaixada norte-americana contra a soberania do povo brasileiro —, como o candidato do Clube da Lanterna,

Muito antes de reunir-se a Convenção da UDN, já eram conhecidos os seus resultados. Todos sabiam perfeitamente que a esmagadora maioria dos votos seria dada a Jânio. Nesse sentido vinha se realizando, nos últimos meses, intenso trabalho dos maiores udenistas junto aos diretórios nos Estados. Todas as armas foram utilizadas a favor da candidatura de Jânio, inclusive a pressão econômica. Não por acaso, o sr. Magalhães Pinto acumulou duas presidências: a da UDN e a do Banco Nacional de Minas Gerais. A campanha desenvolvida pelo sr. Juraci Magalhães, lem-

brando a sua condição de fundador e ex-presidente da UDN, enquanto Jânio é um inimigo declarado dos partidos políticos, chocava-se diante da intransigência dos dirigentes udenistas, amarrados à candidatura de Jânio, que o sr. Carlos Lacerda, há quatro anos apenas, considerava "um paranóico, delirante, virtuoso" da felonía.

No recinto da Câmara, onde se realizou a Convenção, o ambiente era de verdadeiro terrorismo lanternista. Mal os partidários do sr. Juraci abriam a boca para um aparte, o Palácio Tiradentes parecia desabar sob o alarido da claque organizada pelo Clube da Lanterna. Inúmeros conflitos ocorreram nas galerias, chegando a haver intervenção policial.

Por fim, o que era esperado: 205 votos a favor de Jânio, contra 83 a favor de Juraci.

JÂNIO, O GOLPISTA

Durante o discurso do sr. Carlos Lacerda, o sr. Alomar Baleeiro perguntou, em aparte: onde estava Jânio no (Conclui na 9.ª página)

Em Convenção da UDN foi homologada a escolha de Jânio Quadros como candidato à Presidência da República. Que espetáculo notável! De todos os Estados vieram representantes. Ostentavam na lapela distintivos com seus nomes. Uma particularidade dava ao conclave aspecto original. Os delegados praticamente não exerciam o direito de falar. Transformavam-se em assistentes de um «show» que tinha animadores de programa e muitos «macacos e macacas de auditório».

Coube ao ilustre banqueiro Magalhães Pinto, embora por vezes tropeçando nas sílabas, a glória de proceder à leitura do Relatório da Convenção, isto é, o informe político. Abundante em palavras, o documento mencionava, muito de passagem, as razões ou sem-razões da escolha de Jânio, deputado eleito na legenda de um partido que os udenistas mais frenéticos apresentam como símbolo perfeito e acabado da corrupção em suas piores formas. No entanto, o relatório do sr. Magalhães foi posto de lado pelos oradores e apartes. A reunião se transformou num «vale tudo» entre as correntes lacerdistas juracista.

Os oradores e apartes não foram os heróis principais da Convenção. E muito menos os convencionais anônimos. Estes, encabulados, com ar de matutos, encolhiam-se nas poltronas, mudos e quedos. Aquilo era o Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa? — haveriam de pensar. As figuras máximas da tarde foram os assistentes sem delegação, organizados em bandos hostis, que lembravam, pela ferocidade, a Jeunesse Dorée ou seus atuais seguidores, os «ultras» do colonialismo francês. Esses grupos, agindo organizadamente, engajavam-se numa batalha de injúrias e calúnias. Em muitas ocasiões chegavam às vias de fato, formando, em diversos pontos das tribunas e galerias, perigosos focos de desordem, que ameaçavam (para tormento dos Milton Campos e dos Prado Kelly postados na Mesa), alastrar o incêndio, em tremendo charivari. Muitas vezes esses grupos trocaram empurrões e pontapés. As valentes senhoras lanternistas compareciam para agravar a cena, arre-messando, na refrega, bolas de papel, à falta de munição pesada.

Feridos na medonha batalha saíram os mais graduados ídolos do udenismo. Foram alvo de insultos e de injúrias, foram valados a assovios, entre outros Juraci e Baleeiro. Um, ex-presidente. Outro, ex-secretário-geral do partido. Mas os partidários de Juraci não fizeram por menos e investiram contra Lacerda, o caudilho do lanternismo, agradecendo-o com as melhores fórmulas extraídas do próprio vocabulário da «Tribuna da Imprensa», a «Corneta do Diabo», do Palma Cavalão da Rua do Lavradio...

Na Câmara

FRENTE NACIONALISTA NA BATALHA DA CARNE

A Frente Parlamentar Nacionalista já iniciou a batalha em prol da nacionalização dos frigoríficos, que considera a verdadeira e definitiva solução para o problema da carne suficiente e a preços acessíveis à bolsa do povo.

O sr. Ramon de Oliveira Netto (PTB do Espírito Santo), no «pinga-fogos», trouxe rapidamente do rumoroso caso político criado pela inopinada exoneração do gen. Uruahy Magalhães da presidência da COFAP, e sua substituição, pelo sr. Guilherme Romano. Acentuou que os frigoríficos representam, como a indústria de medicamentos, setor completamente dominado por empresas estrangeiras, «que sabidamen-

te retiram fabulosos lucros dos consumidores brasileiros, e cujas reclamações de preços mais altos vinham sendo firmemente, e de público, negadas pelo gen. Uruahy». Daí, mostrou o orador, a ação vitoriosa das Embaixadas estrangeiras sobre JK que, indiferente à fome e aos sofrimentos do povo e aos interesses nacionais, escolheu um novo presidente disposto a examinar as pretensões dos frigoríficos, isto é, a conceder-lhe o aumento que pleiteiam para a carne. Como representante do povo, o sr. Ramon de Oliveira lançou o seu enérgico protesto contra esta política do governo, de dar ao povo fome e aos trustes estrangeiros lucros cada vez maiores.

nientes a seus interesses, pelo que o Congresso lhes nega ratificação; Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário".

Tendo o sr. Gabriel Passos interpretado na análise da matéria o pensamento da Frente Parlamentar Nacionalista, o Projeto de Resolução de sua autoria, ser defendido em plenário por todos os deputados que a integram

Importação de petróleo

O sr. Sérgio Magalhães encaminhou à Mesa da Câmara requerimento de informados sobre preços FOB e CIF de petróleo importado pelas refinarias particulares.

O representante petebista carioca quer saber do CNP: 1 — preços médios, FOB e CIF, do petróleo importado por cada uma das refinarias particulares em 1957, 58 e no decorrer deste ano; 2 — a que refinarias particulares se refere a PETROBRAS em seu ofício ODE-421/58, de 6 de outubro de 58, dirigido ao CNP, declarando que se poderia adquirir petróleo bruto para as refinarias particulares a preços pelo menos de US\$ 0.60 mais baixos que os pagos, em média, pelo petróleo que importam atualmente; 3 — tendo a PETROBRAS estimado naquela data... (6/10/58) a evasão anual de divisas em dois milhões novecentos e cinquenta mil dólares, em decorrência de importações realizadas a preços FOB e CIF superiores aos do mercado internacional, quais as refinarias particulares responsáveis pela evasão de divisas e como se distribui entre elas aquela fabulosa soma de mais de dez milhões de dólares.

Justificando a apresentação de tal requerimento de informações, o sr. Sérgio Magalhães, citando e analisando uma longa série de tentativas da PETROBRAS no sentido de proteger a economia nacional através da centralização das importações de petróleo, denunciou a tenaz resistência sempre oposta pelo CNP a tal medida, o que só pode ser explicada pelo interesse de companhias estrangeiras e de refinarias particulares existentes no país, interesse esse em antagonismo com os interesses nacionais de poupança de divisas.

que as Comissões de Economia e de Finanças são pela sua rejeição. Os três órgãos, entretanto, ainda não se pronunciaram sobre as emendas do plenário.

Sabe-se que as bancadas dos pequenos Estados são, em geral, favoráveis ao projeto, mas as representações das grandes unidades da Federação, lideradas pela de São Paulo, são trairias.

Roborê: G. PASSOS PELA INVALIDAÇÃO DAS REVERSAIS

O sr. Gabriel Passos (UDN de Minas), membro eminente da F.P.N., apresentou à Comissão de Relações Exteriores, na qualidade de relator do Acórdão de Roborê (exploração pelo Brasil do petróleo boliviano), o seu voto favorável à manutenção do mesmo e invalidação das famosas Notas Reversais, o qual conclui pelo seguinte projeto de Resolução a ser submetido ao plenário:

PROJETO DE RESOLUÇÃO

"O Congresso Nacional decreta e promulga a seguinte Resolução: Art. 1.º — É considerada objeto de Tratado a matéria das Notas Reversais números 1, 2, 6 e 7, trocadas entre os ministros das Relações Exteriores do Brasil e de Bolívia, em La Paz, no dia 29 de março de 1958; Art. 2.º — As Notas referidas no artigo anterior são inaceptáveis de produzir qualquer efeito contra ou a favor do Brasil, por serem inconven-

PROJETO

O deputado Almino Afonso, do PTB do Amazonas, apresentou projeto que proíbe aos frigoríficos engordar gado para abate e os obriga a constituir estoques para o abastecimento na entre-safra. A primeira parte do projeto visa combater o controle que os frigoríficos estabeleceram no mercado de carne, usando de sua dupla condição de industrializadores e pecuaristas.

CARGOS COM INFLUÊNCIAS NA POLÍTICA ECONÔMICA

Sob o n.º 330-A/59, encontra-se na Ordem do Dia, em discussão prévia, o projeto do sr. Sérgio Magalhães, que dispõe sobre o referendo da Câmara para o exercício de cargos administrativos ou em empresas de economia mista (CAEX, SUMOC, Réde Ferroviária, C.N.P., PETROBRAS, etc.), com inegável influência na política econômica nacional.

O referido projeto, de caráter nitidamente nacionalista, teve a sua constitucionalidade negada pelo sr. San Tiago Dantas, relator do mesmo na Comissão de Justiça. Defendendo a proposição, quer quanto ao seu conteúdo de preservação de uma linha nacionalista para a política econômica do país, quer sob o seu aspecto constitucional, deverá falar, segundo afirmaram no autor da mesma, os srs. Nestor Duarte, líder da Oposição, Oswaldo Lima Filho, líder do PTB, e Ferro Costa, da UDN do Pará.

VENDAS E CONSIGNAÇÕES

Mantém-se na Ordem do Dia, provocando os mais acalorados debates, o projeto n.º 813-A/55, que altera a lei referente à cobrança de imposto de vendas e consignações no sentido de transferir a sua competência para a União. A Comissão de Justiça votou pela constitucionalidade da proposição, enquanto

MANOBRA DESCARADA NA COFAP

Romano Monta De Novo a Máquina De Aumento

Revogando as Portarias do General Uruahy, Abre Caminho Para o Assalto Dos Frigoríficos à Bolsa do Povo — "Os Senhores Não Querem Conhecer a Verdadeira Situação da Carne", Protestou Com Veemência um Conselheiro-

«Os senhores conselheiros da COFAP não querem conhecer a verdadeira situação da carne. O plenário da COFAP mostrou que não se interessa em apurar quais são os custos reais da carne. Quero que fique registrado, em ata, meu veemente protesto». Com estas palavras, o representante dos economistas na COFAP, conselheiro Alfredo Gerhardt, denunciou a resolução adotada pelo plenário de dissolver a subcomissão encarregada de realizar o exame da escrita dos frigoríficos e de verificar os custos reais do produto. Essa decisão abriu caminho para que fosse revogada, minutos depois, a portaria 538, da gestão do general Uruahy Magalhães, que fixava o preço do boi em pé para abate em 530 cruzeiros a arroba.

Está agora preparado o campo para o aumento e mesmo a liberação da carne verde, uma vez que os açuqueiros não poderão vender o produto a 62 cruzeiros porque os frigoríficos e marchantes vão aumentar muito os preços da carne por atacado, justificando-se com o aumento do boi em pé. Está, portanto, iniciada a reação em cadeia que, finalmente, fará com que o consumidor venha a pagar mais de 150 cruzeiros por um quilo de carne. Para completar o assalto, o presidente da COFAP, sr. Guilherme Romano, conseguiu que o plenário revogasse outra portaria do general Uruahy, que proibia a venda de carne a domicílio. Apesar do protesto de alguns conselheiros, o plenário, aprovando a medida, estabeleceu oficialmente o «câmbio-negro da carne». De fato, os açuqueiros e marchantes poderão agora se dedicar quase exclusivamente à venda a

domicílio, por preços muito acima da tabela.

MANOBRA DESCARADA

Estando há apenas uma semana na presidência da COFAP, o sr. Guilherme Romano ainda não adquiriu a experiência suficiente para fazer manobras mais ou menos ocultas, como em parte acontecia com o coronel Mindelo. Desse modo, ao instalar de novo a máquina de votar aumentos, que tinha sido quebrada pelo general Uruahy Magalhães, o sr. Romano não conseguiu evitar que ficasse clara para todo mundo a manobra que fez para que o plenário da COFAP aprovasse suas portarias de proteção aos tubarões nacionais e estrangeiros.

Realizada a votação de sua portaria que revogava uma portaria aprovada há duas semanas, fixando o preço do boi para abate em 530 cruzeiros a arroba e como os votos a favor, em número de seis, não tinham atingido o mínimo de oito votos exigido para que qualquer medida seja aprovada, o sr. Romano convocou uma outra reunião extraordinária para daí a meia hora. No intervalo e com a ajuda da «bancada dos tubarões» — os representantes da Indústria, Comércio, Agricultura, Pecuária e Cooperativas — pressionou os representantes da PDF e do Ministério da Agricultura, srs. Hugo Frota e Batista Côrtes, que se abstiveram de votar.

Foi então combinada a fórmula para aprovar a portaria altista. Em primeiro lugar, seria torpedeada a subcomissão que estava estudando a situação do mercado da carne e, então, como crédito de confiança»

ao sr. Romano, seria aprovada a portaria. Antes disso, entretanto, o sr. Hugo Frota, representante da PDF, dava início a uma farsa, declarando candidamente que votaria a favor da portaria do sr. Romano por grande insistência deste, mas que iria renunciar imediatamente ao seu cargo. Tão logo disse isto, o sr. Romano e a «bancada dos tubarões» apelaram ao sr. Frota para que não concretizasse sua afirmação, no que foram atendidos, depois de alguns rapapés.

MÁQUINA DE VOTAR AUMENTOS

Verifica-se assim que, depois de dois meses de resistência às manobras altistas, sob a presidência do general Uruahy, a COFAP voltou a ser dominada pelos tubarões. A manobra é tão descarada que o representante das Forças Armadas, capitão-de-fragata Fortes dos Santos, afirmou em sua declaração de voto: «O aparecimento da carne no mercado todo indica permanecer estritamente condicionado a um fatal aumento de preço. Essa permanente e comprorada ausência de carne para o consumidor constitui, a meu ver, processo de coação».

Em tudo isto, o sr. Romano se presta ao papel de encobrir e defender as manobras altistas, desculpando-se com o pretexto de tomar medidas «experimentais», como no caso da permissão da venda de carne a domicílio, isto é, da instauração do «câmbio-negro». Quando foi a São Paulo, no fim da semana, o sr. Romano, diante da atitude firme dos líderes sindicais, estudou (Conclui na 10.ª página)

O Sentido Da Arte Em Guarnieri

Luiz Fernando

NOTAS SOBRE LIVROS

Com menos de 25 anos de idade e duas peças montadas com enorme sucesso, Gianfrancesco Guarnieri é o nome do momento em nossos meios teatrais.

Não pretendemos, aqui, fazer considerações a respeito de suas obras, uma vez que tal assunto concerne à crítica especializada, que, com toda razão, as tem recebido, quase que unânimemente, em meio a entusiásticos aplausos.

Movemos, tão somente, o desejo de alinhar algumas idéias e opiniões do próprio Guarnieri acerca da arte como meio de expressão de problemas brasileiros, opiniões que reputamos absolutamente válidas e de grande utilidade para os que se dedicam a atividades intelectuais.

Todas as preocupações do jovem autor orientam-se para a criação e o desenvolvimento de uma dramaturgia de características nacionais, através do aproveitamento dos fatos da vida cotidiana de nosso povo.

Ergue-se Guarnieri contra a atual tendência — não só no Brasil, como em todos os países «ocidentais» — de os artistas procurarem transmitir apenas seus problemas íntimos, um verdadeiro caos interior, enquanto o público delas espera algo mais que simples dúvidas.

Voltados exclusivamente para dentro de si, num individualismo pessimista e desastroso, os adeptos dessa tendência esquecem completamente que, segundo Guarnieri, «a cultura

popular, empírica, a arte popular fruto direto dos mais autênticos sentimentos populares são fontes inesgotáveis de ensinamentos e inspiração; são elementos indispensáveis para uma apreciação acertada de tudo o que se diz sobre a vida, o homem, a sociedade».

A origem dos intelectuais brasileiros tem grande importância no conjunto de causas determinantes dessa sua atitude intimista. Provindo, em sua grande maioria, da classe média, não podem permanecer nessa camada, sob pena de ver prejudicada a sua atividade profissional, posto que aí têm poucas oportunidades de se expressar. São obrigados, então, a agregar-se à burguesia que, através de seus jornais, editoras, casas de espetáculo, etc., fornece-lhes os meios necessários ao trabalho. Tal situação, como não podia deixar de ser, cria algumas obrigações para os intelectuais que, para poder garantir a subsistência, põem seu talento a serviço de quem pode pagar. Assim, numa posição instável, e mesmo subserviente, grande parte da intelectualidade realiza um trabalho abertamente favorável aos interesses dos que a mantêm, ou cai no terreno das abstrações, dos purismos, refugiando-se no hermetismo e expressando-se num linguajar inacessível às massas populares. Também aí o seu trabalho aproveita mais às altas esferas e o intelectual tende a afastar-se cada vez mais dos problemas do povo.

Combatendo essa tendência isolacionista, Guarnieri afirma categoricamente: «Somente participando dos problemas de nossa gente e de suas lutas poderemos escrever a seu respeito com sinceridade e justiça».

Essa atividade militante de Guarnieri nos movimentos políticos nacionais, em posição sempre de defesa dos interesses do proletariado, é exatamente o que lhe permite abordar os problemas do ponto de vista que corresponde ao desejo do nosso povo, numa linguagem que lhe é peculiar.

Em encontro realizado pouco antes de sua partida para a Europa, Guarnieri contou-nos alguns episódios relativos à receptividade que suas peças têm tido entre os setores populares. Como, em virtude do elevado preço dos ingressos, é impraticável o comparecimento de pessoas das camadas menos favorecidas às casas de espetáculo, Guarnieri e seu grupo resolveram levar o teatro ao povo, através da exibição de «Eles não usam Black-tie» em sindicatos e da realização de sessões a preços reduzidos de «Gimba». Numa dessas apresentações da primeira peça, onde Guarnieri, como ator, encarnava o personagem «Tião» — jovem operário que, para ganhar mais e poder casar, «fura uma greve, atraindo sobre si o desprezo de todos os habitantes do morro — uma operária que estava na primeira fila não pôde conter-se e, à certa altura, xingou-o, punho fechado, e ameaçou. Noutra ocasião, os policiais que dão uma «batida» no morro de «Gimba» foram estrepitosamente vaiados pelos trabalhadores. Ao fim do espetáculo, um operário foi cumprimentar o autor e, com visível dificuldade de expressão, disse: «Tu és meu irmão». A respeito desses fatos, Guarnieri confessou-nos: «Senti que o objetivo de retratar o povo em minhas peças começava a ser atingido».

O jovem autor nacional procura refugiar-se no povo, segundo suas próprias palavras, para fugir à decadência de uma arte que, abandonando todo o riquíssimo material de nosso folclore, procura adaptar, em grosseira imitação, uma série de padrões importados que circulam entre os países de regime capitalista, em fase de franco descenso na maioria dos casos, desprezando os nossos meios de sentir, pensar e agir, desnaturando por completo os meios de expressão característicos de nosso povo.

Apesar de as considerarmos de alta qualidade, situando-as mesmo entre o que de melhor se tem feito em matéria de teatro no Brasil, achamos possível apontar uma série de

falhas do ponto de vista estritamente formal nas peças de Guarnieri. Deixemos, porém, que o próprio autor responda à nossa crítica eventual: «As excessivas preocupações formais, puramente estéticas, só fazem atrapalhar. A coisa é mais simples. Prefiro cuidar mais dos problemas de conteúdo, mesmo com certo prejuízo da forma, enquanto não tiver condições de eliminar totalmente esse prejuízo, a criar perfeições estéticas que nada digam. Enquanto vacilarmos diante de belas frases como valor da arte pura, sentido intrínseco do belo, supremacia da forma e outras tais; enquanto temermos formulações obscuras criadas pela necessidade de manter as grandes massas na maior ignorância, não só trairemos nosso anseio natural de jovens de servir às forças progressistas, como o nos manteremos numa atitude pusilânime que só poderá atrapalhar o progresso dessas mesmas forças».

As duas peças já apresentadas de Guarnieri permitem que dele esperemos, a continuar como vai, criações que o situem entre os maiores nomes da dramaturgia nacional. De qualquer modo, já agora podemos indicá-lo como exemplo ao que é próprio qualifica de: «intelectual cético, olhos vermelhos de tanto ler, sensibilidade aprisionada por brochuras, medo da morte e de perder o emprego, com seu sorriso superior de gente grande, que já está entredado em vida».



Vera Gertel e Oduvaldo Viana Filho, numa cena de «Eles não usam black-tie», de Gianfrancesco Guarnieri, encenada no Rio de Janeiro pelo Teatro de Arena de São Paulo.

TEATRO

A Beata Maria do Egito

Depois de um longo silêncio, voltou a Comédia Nacional à cena, com grandes planos. Estreando em Outubro, com a peça de Raquel de Queiroz, promete até o fim do ano mais dois empreendimentos de grande fôlego: «As três irmãs», de Anton Tchekov, dirigida por Ziembinski e «Don Juan» de J. Zorrilla. Esta última, nada menos que dirigida por Don Luiz Escobar, diretor espanhol, mandado vir diretamente de seu país de origem e com cenários e figurinos de Salvador Dalí. Temos, em consequência, a impressão de que a Comédia está nadando em ouro. Fala-se por outro lado nos ótimos salários, que estariam percebendo os atores contratados. Agora vejamos em que resultou sua primeira apresentação, para a qual certamente não houve, também, escassez de verbas. Quando foi lançada a edição da «Beata Maria do Egito» apressamo-nos em lê-la. Havia curiosidade em verificar se a romancista, por demais evidente em «LAMPILÃO», sua peça de estréia, havia desaparecido, dando lugar à teatraloga. Da leitura concluímos que a peça «funcionaria» (como se costuma dizer) no palco. Do espetáculo, apresentado no Teatro Serrador, saímos com a firme convicção de que absolutamente não funcionou. Creemos, entretanto, que a responsabilidade deva ser atribuída à direção. Disseram-nos que a autora fizera questão de que os atores não utilizassem a prosódia nordestina, pois não se tratava de um assunto exclusivamente regional, mas sim do drama do fanatismo e suas consequências, fenômeno que pode ser universal. Está certo que não se empregasse uma prosódia e um tom que dificilmente os intérpretes poderiam sustentar galhardamente, de princípio ao fim da peça. Quanto ao tema, podendo ocorrer em outros países e outras épocas terá forçosamente que refletir o ambiente social e o momento histórico em que ocorram os fatos. Jamais o fanatismo de uma Jeanne d'Arc será idêntico ao de uma Beata Maria do Interior do Ceará. E está que vimos no Serrador, representada pela atriz Glauce Rocha — que sempre admiramos — refinada, elegantemente mística, de figura hierática e solene, bem trajada, limpa e composta, como uma santa de gravura na parede, com sua bela voz e seus gestos polidos, dava-nos a impressão de que de repente desandaria a falar francês. De tal maneira se assemelhava a uma jovem religiosa professora no Sacré Coeur, ou outro internato de grã-finas, Jaime Costa, sempre Jaime Costa — quer seja caixeiro viajante, Dom João, ou qualquer outro tipo, exibia todos os maneirismos do velho teatro. O tenente delegado e o cabo, impecavelmente fardados, limpos e passados eram tão pouco autênticos, quanto o cenário que, sendo bom, não apresentava, como deveria, o aspecto de sala velha, manchada de mofo e de paredes mais ou menos esburacadas, como costumam ser as delegacias de cidades do interior. Mas o terrível, o terrível mesmo é o quadro final em que ficamos sabendo que do outro lado da porta há uma multidão, todo o povo da vizinhança revoltado querendo libertar a sua santa à força, sem que, da platéia se tome o menor conhecimento de tal fato. O silêncio, quase completo, torna inteiramente descabida toda aquela agitação do tenente, correndo de um lado para outro, carregando armas para lutar sozinho. As pancadas na porta parecem produzidas por frágeis mãos infantis. E bem justificam que a Beata peça: mais força, mais força... E se dispunha a ajudar a todo o povo e cooperar com o aríete que não consegue derrubar uma porta, no entanto tão evidentemente frágil. E quando a Beata retira a tranca e abre a porta, fica-se esperando ver a multidão contida, lançar-se ao palco a dentro. Mas não acontece nada. E a tal exclamação de triunfo do povo não dá lugar a uma recomendação na peça, se reduz a um zúm-zum discreto, ocasionado por uma gravação!

Não; de modo nenhum poderíamos considerar «A BEATA MARIA DO EGITO» uma grande peça. E muito menos compreendemos as razões que a levaram a merecer um prêmio. Mas que foi muito maltratada pela direção, quanto a isso não há dúvida. Oxalá às próximas apresentações do Teatro Nacional de Comédia, companhia organizada, dirigida, orientada e subvencionada pelo Serviço Nacional de Teatro, do Ministério de Educação e Cultura, desmanchem a impressão dessa primeira iniciativa.

Em tempo: não é possível deixar de fazer referência também ao tal Canto dos Romeiros do 2º quadro, tema religioso nordestino adaptado e harmonizado pelo maestro Reginaldo Carvalho e cantado pela Associação de Canto Coral. Não ponho em dúvida que o tema seja nordestino e, portanto, popular. Mas, por favor, que é que tem de comum com romeiros um tema harmonizado de maneira erudita, cantado a 3 vozes, pelos cultos intérpretes da Associação de Canto Coral?

BEATRIZ BANDEIRA

HOMENAGEM A ELUARD

Leandro Konder

No dia 18 de novembro de 1952 — há sete anos, portanto — falecia na França o poeta Paul Eluard.

É um dever nosso assinalar a passagem deste aniversário para, na ocasião, recordar sua vida e sua obra intimamente ligadas pelo sentido de luta que lhes imprimiu o poeta. Já presente hoje como ontem, os gestos e pelos versos, na lembrança e no afeto dos camaradas que lhe sobreviveram, bem como na memória dos milhares de leitores de seus livros em todo o mundo.

A personalidade de Eluard, seus sentimentos solidaristas, sua formação cultural humanística, não poderiam deixar de levá-lo a procurar integrar-se profundamente no povo de onde provinha, a fim de exprimir-lhe com fidelidade os anseios e os problemas, as dúvidas e as esperanças.

Jovem, ainda, com pouco mais de vinte anos, o poeta participou do movimento surrealista, que investia contra os cânones da velha poética e contra a acomodação no "front" da pintura, procuran-

A Semana Santa é um romance de vasta e complexa contestura, não apenas em sua linha narrativa, mas sobretudo em seus desenvolvimentos dramáticos, que se apóiam em planos temáticos superpostos, os quais por sua vez se movimentam em diferentes atmosferas psicológicas. É em verdade um espetáculo grandioso, feito propriamente de grandezas trágico-cômicas, participando dele todas as classes e camadas da população francesa, desde a alta nobreza até aos mais infelizes camponeses e também operários de uma indústria em pleno crescimento, e que cresce precisamente sobre os escombros da sociedade feudal.

Muito natural, portanto, que a certa altura da narrativa apareçam alguns personagens meio misteriosos — uns conspiradores de tradição babouvista, que se reúnem clandestinamente em volta de um chefe que viaja de Paris até Poix, Monsieur Joubert, antigo companheiro de Babeuf na Convenção. E convém lembrar que Poix fica situada na Picardia, região histórica das jaquérias, e onde viveram, a seu tempo, Saint-Just, Babeuf, Saint-Simon...

Joubert, em conversa com um jovem correligionário, Bernard, filho de um companheiro de velhas batalhas políticas, recorda os tempos em que ali trabalhara Babeuf, como «feudista», espécie de medidor e arquivista, encarregado de registrar os títulos de propriedade senhorial. Em suas funções na Picardia é que Babeuf pôde conhecer de perto «as origens da miséria dos camponeses sem terra», e essa experiência viva lhe forneceu os elementos que inspiravam as suas teorias sociais — e a sua posterior atividade revolucionária.

A reunião dos conspiradores, à noite, em terreno de uma fortaleza em ruínas, é descrita pelo romancista com emoção vigorosa e comunicativa. Bram uns doze ou quinze homens, de tipo e condição diferentes, inclusive um padre, os rostos ardentes iluminados por algumas tochas faguladas no chão. A situação incerta do país, o regresso de Napoleão, a fuga do Rei, e perspectiva de novas guerras, as condições de vida do povo piorando dia a dia — de tudo isso, desordenadamente, falavam aqueles homens impregnados de sentimentos revolucionários, patriotas e sofridos com o povo as agruras da Pátria, e buscando inspiração para novas lutas, nas tradições ainda vivas da década de 90.

Mas o que mais nos interessa ressaltar, nessa passagem do romance de Aragon, é a impressão e as consequências que a reunião dos conspiradores produziu no animo de Géricault, o qual pudera observar tudo sem ser visto — em circunstâncias especiais que não importa relembrar.

E' o que veremos a seguir.

ASTROJILDO PEREIRA

REGISTRO

Entre os livros brasileiros de ficção publicados nos últimos meses figuram com destaque os seguintes:

Afonso Schmidt — A Locomotiva. Um romance da «revolução constitucionalista de São Paulo». Edições Zumbi, São Paulo. Capa de C. Graciano.

Mário Donato — A Parábola das 4 Cruzes. Coleção «Novela Brasileira» das edições Difusão Européia do Livro, S. Paulo. Capa de Edgar Koetz.

Paulo Dantas — O Capitão Jagunço. Um romance da revolta de Canudos. Editora Brasiliense, São Paulo, Capa de Edgar Koetz.

Micléo Tati — Rua do Tempo — Será. Romance da infância. Livraria José Olympio, Capa de Poty.

Patrícia Galvão e Geraldo Ferraz — Dois Romanes. Reedição num só volume de A Famosa Revista, de ambos os autores, e de Doramundo, do último. Livraria José Olympio. Prefácios de Adolfo Casais Monteiro e Sérgio Milliet, respectivamente.

de, paralelamente, derrubar os padrões tradicionais da crítica de arte européia da década subsequente à guerra de 14-18.

Seus companheiros de campanha por uma «revisão de valores» — todos muito moços, audaciosos e inteligentes — eram, então, os pintores Max Ernst e Pablo Picasso, e os escritores André Breton, Louis Aragon e Tristan Tzara.

Por este tempo, já, Eluard se preocupava com o problema da comunicação, recusava-se a ser um estranho ao seu próximo. Começava a compreender aquela verdade tão magistralmente enunciada por Jean Marcenac: «A fidelidade, primeiro dever do homem, supremo dever do homem, não é assunto que possa concernir a um homem isolado».

Procurava dar um sentido de concreta utilidade social a tudo quanto empreendia.

Não se diga, porém, que o poeta não tenha tido os seus percalços, os seus momentos de desânimo e depressão. Em certa ocasião, chegou mesmo

a tentar uma fuga, desaparecendo de Paris para vagabundear na Oceania. Mas acabou caindo em si e voltou, com disposição de reencontrar-se em sua terra.

«Durante muito tempo tive um rosto inútil»

Mas agora,

Tenho um rosto para ser amado

Tenho um rosto para ser ferido

[Hiz]

Em Paris, a guerra de 1939 veio encontrá-lo em pleno combate antinazista, desenvolvendo ativo trabalho na fatura e distribuição de publicações contra o Eixo. Mesmo durante os anos de ocupação de sua pátria pelos exércitos de Hitler, Eluard não quis deixá-la e preferiu arriscar a vida na dura militância da resistência subterrânea.

Era um homem de fibra, sem dúvida.

Como artista, por outro lado, como artefice, Eluard não é menos digno de respeito e admiração. Escrevia seus poemas com palavras simples, de uso cotidiano e, no entanto,

imprimia-lhes uma nobre beleza, uma gravidade lírica que não se encontra nas obras de nenhum dos poetas seus contemporâneos.

André Gide chegou a dizer, a propósito, que as palavras usadas nos poemas de Eluard eram envolvidas por uma «aureola difusa», que seria o toque característico dos trabalhos desse autor.

O fato é que a poesia de Eluard tem um caráter personalíssimo, que não pode ser atribuído somente ao arrojo da sua sintaxe ou ao desenvolvimento libérrimo da sua elaboração. O que não quer dizer, também, que Eluard não tenha sofrido jamais quaisquer influências.

Entre os poetas que mais o influenciaram — e para seu próprio bem — poderíamos contar: Baudelaire, com quem aprendeu que «a verdadeira poesia é a negação da iniquidade»; Lautréamont, que lhe indicou o «flor da poesia pessoal»; que devia ser retomado; e André Breton, seu amigo particular, companheiro de agitação surrealista, de quem se afastou no fim da vida, mas com quem reconhecia ter «aprendido a pensar».

Talvez pudesse ser, ainda, incluído nessa relação o nome de Louis Aragon. Contudo, parece-nos mais correto considerar Aragon influenciado por Eluard, e não ao contrário. Como também é possível que nenhuma das duas coisas deva ser dita. Afinal, são duas sensibilidade bastante díspares.

De qualquer modo, entre Aragon e Eluard há, além do fato de serem ambos poetas comunistas, outra afinidade: a importância do motivo «Mulher» em suas vidas e obras. Na vida de Aragon foi Elsa Triolet, ex-namorada de Malacóvski, escritora de talento, com quem ele, Aragon, está casado há vinte e tantos anos. Na vida de Eluard foram sucessivamente Gala, Nush e Dominique, cada uma delas, porém, encarnando a Mulher para o poeta e, de cada uma delas, (à exceção, talvez, da primeira, que é a atual esposa de Salvador Dalí) tendo ele estado sincera e profundamente enamorado.

A Mulher, nos versos de Eluard, é o elemento com que ele vence a solidão, o ponto de comunicação entre o homem e o Cosmos.

«Não iremos até o fim um por um, mas aos pares», explica.

E a abrange no mesmo carinho que dedica à humanidade de amanhã, isto é, às crianças:

«As mulheres e as crianças têm o mesmo tesouro Nos olhos;

Os homens o defendem como [podem].»

Em sua ternura, em sua simplicidade, Eluard confessa (Conclui na 7.ª página)

O MUNDO QUE EU VI

MUSEU LENIN

ENEIDA

Ninguém me venha dizer como o fez outro dia um viajante que foi a URSS e declarou: — mas como tem retrato de Lênin! Devia ter estátuas, mausoléus, retratos, de quem, digam, de quem? Mas não é isso que vou responder hoje aqui. Estou contando minha viagem, continuarei contando. Lênin é amado, e com todíssima razão por toda a União Soviética. Eu já disse o quanto me comoveu encontrá-lo na Praça Vermelha dormindo naquele mausoléu. Dorme sereno, como devem dormir todos os homens que se traçaram um dever e o cumpriram. Aliás, não só na URSS, Lênin é amado, mas em todas as repúblicas socialistas, em todos os corações dos homens em luta contra a escravização, a opressão, a exploração.

Depois de se encontrar Lênin dormindo para sempre no seu túmulo, visita-se aquele enorme Museu Lênin com suas vinte salas contando a vida desse homem imenso. Ali estão manuscritos e documentos, livros, jornais, fotos, quadros, esculturas, evocando desde a infância de Lênin, sua vida de revolucionário, sua luta pela organização do partido operário social democrata. São salas que contam os gloriosos acontecimentos de outubro de 1917, a insurreição armada dirigida por Lênin, as profundas modificações que ela trouxe não apenas para o mundo mas principalmente para a Rússia que gemia sob o mais cruel dos regimes.

Numa vitrina, o sobretudo modesto conta da vida modesta de Lênin. O

museu foi inaugurado em 15 de maio de 1936 e é visitado há vinte e três anos por milhões de pessoas. Na manhã em que lá estive, com um frio-lho desmentindo que era primavera, adultos e crianças subiam e desciam as grandes escadarias que levam aos três andares; guias iam contando em várias línguas, para cidadãos soviéticos e para visitantes estrangeiros (quando eu estive em Moscou havia, só naquela cidade, setenta mil turistas, sendo que 50% norte-americanos) a vida de Lênin, o que quer dizer este ou aquele documento.

Maquetas reproduzem as choupanas em que Lênin se escondia da polícia tsarista, mostram como ele construiu numa delas uma verdadeira fortaleza para a instalação de uma imprensa clandestina.

Um grupo de crianças com seus lençóis vermelhos no pescoço, — indicando que são os melhores alunos e, por isso mesmo, usam o título de pioneiros, — contempla, em silêncio o primeiro diploma de melhor aluno que Lênin recebeu. Ele-lo ali, mocinho com sua farda escolar e sempre, em todo o Museu, um silêncio enorme. Silêncio que não é nada mais do que amor. A multidão que ali está, vai encontrando-o em cada passo: naquele feio relógio via as horas correrem, com aquela velha caneta escreveu muito, naquela cadeira trabalhava e repousava.

Quando sai para a praça da Revolução, vizinha da Praça Vermelha, o sol me pareceu muito mais claro.

MARÍTIMOS VITORIOSOS CANTARAM ATÉ DE MANHÃ

O que foram os 25 dias de luta (cercada da solidariedade do povo e dos demais trabalhadores) dos operários navais de Niterói

NILSON AZEVEDO

O dique de uma repressão de entusiasmo e alegria parecia ter rebentado na noite do último dia 6, no Sindicato dos Operários Navais de Niterói, quando foi anunciada a conquista de uma das mais antigas reivindicações dos trabalhadores do Lóide e da Costeira — o "Quadro de Carreira". A notícia do acordo vitorioso foi dada pelo líder Firmino Fernandes, após a realização de uma greve que durou 25 dias, imobilizou cerca de 12 mil operários, e chegou a paralisar, num movimento de solidariedade, todos os estaleiros particulares de Niterói e do Distrito Federal e o pessoal do tráfego das duas autarquias na Baía de Guanabara.

Maior foi o entusiasmo dos previstos quando, na mesma oportunidade, receberam a notícia da aprovação do "Temário de Reivindicações", em defesa do qual seria declarada a greve nacional dos marítimos, programada para o dia 11. Era uma dupla vitória que os operários navais comemoravam.

Dando vivas aos seus líderes e à unidade da classe operária, milhares de trabalhadores velhos e jovens, contagiados pelo mesmo entusiasmo, davam-se as mãos, cumprimentavam-se, abraçavam-se, cantavam. Esse espetáculo comovido durou até as primeiras horas da manhã, quando os operários começaram a voltar ao trabalho.

INJUSTIÇAS

Pouco antes de ser conhecida a vitória da greve, quando o destino do movimento ainda era incerto, o antigo carvoeiro Antônio Teixeira da Silva, que trabalha há mais de 27 anos no depósito de carvão do Lóide na Ilha da Pombal, declarava ao repórter: "Sou velho, ando muito cansado (66 anos), mas estou gostando de ver a greve e o entusiasmo da mocidade. Dá gosto ver uma luta assim. E, era preciso, moço. Olha que sou carvoeiro há 27

anos e nunca tive uma promoção. Muita gente nova passou à minha frente. Se tivesse um "quadro", concluiria, a coisa era diferente".

Albino Lopes também trabalha há quase 30 anos no Lóide. Passou de carvoeiro, referência 25, para guindasteiro, referência 27, mas continuou recebendo como carvoeiro durante longos anos. Albino declarou revoltado: "Essa miséria não é de hoje não. Há muitos anos milhares de companheiros vêm sendo injustiçados como eu. Desde que me entendo no Lóide que reclamamos um novo "Quadro de Carreira", mas só agora nos foi possível falar "duro" com o Governo".

A verdade é que os operários daquelas autarquias vinham lutando há muitos anos pelo estabelecimento de um justo critério de promoções, visando a por fim ao regime protecionista, onde a promoção ficava à mercê dos chefes, os quais, atuando em função dos interesses dos políticos profissionais, beneficiavam apenas os seus "peixinhos". Daí a resistência do ministro Amaral Peixoto, velho e manhoso político fluminense, em atender às reivindicações dos operários navais. Com a elaboração do "Quadro de Carreira" os políticos profissionais sabiam que iam perder uma boa fonte de corrupção e de conquista de votos.

A DUPLA VITÓRIA
Os operários do Lóide e da Costeira, embora tivessem entrado em greve à zero hora do dia 13 de outubro, pleiteando o "Quadro de Carreira", encontravam-se também ao lado de todos os marítimos, com greve marcada para o dia 11 do corrente, se não fosse aprovado o "Temário

de Reivindicações". Eram, portanto, duas questões: uma particular, e outra geral. Ambas foram vitoriosas, em seus aspectos mais importantes, no acordo assinado na tarde do último sábado, no Ministério da Viação, onde ficou instituído o "Quadro de Carreira", com o compromisso de se proceder, imediatamente, a 50% das promoções nas duas autarquias, sendo as restantes solucionadas no prazo máximo de um ano. No "Temário de Reivindicações" foi assegurada a incorporação do abono de 30% aos salários; o pagamento dos quinquênios; do salário família; do trabalho extraordinário na base de 100%; o aumento das etapas; e outras reivindicações. O acordo foi assinado pelos representantes das entidades de empregados e de empregadores, pelos Ministros da Viação e do Trabalho, e pelo presidente, da Comissão de Marinha Mercante.

APOIO DO POVO

A greve dos operários do Lóide e da Costeira teve início a zero hora do dia 13 de outubro. A própria deflagração do movimento já evidenciava o descaço das autoridades pelas reivindicações dos trabalhadores, pois há mais de três anos que a questão vinha sendo apresentada aos órgãos governamentais competentes, sem que os mesmos procurassem solucioná-la.

O Ministro Amaral Peixoto, titular da pasta da Viação, voltou as costas aos grevistas de Niterói, procurando vencê-los pelo cansaço. Mas, ao mesmo tempo que se evidenciava a má vontade das autoridades federais, uma corrente de solidariedade ia se estendendo em torno dos grevistas. Os eixos dessa corrente iam surgindo à medida que mais infragentes se mostravam o ministro Amaral Peixoto e outros figurões encarregados de estudar as reivindicações dos trabalhadores. Diariamente, na sede do



Thaumaturgo Gayo, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, após a assinatura do acordo vitorioso. Vencida a batalha salarial continuaram a campanha nacionalista em defesa da Marinha Mercante e da emancipação nacional.

Sindicato grevista chegavam dezenas de comissões e mensagens de trabalhadores de todo o Estado. A Delegacia Regional da CNTI e os sindicatos sediados em Niterói e São Gonçalo deram todo o apoio aos grevistas. As empresas de ônibus Mauá, Galo Branco e Nova Cidade forneceram centenas de passes gratuitos para serem utilizados no período da greve. As casas comerciais enviaram ao Sindicato mais de três toneladas de gêneros alimentícios.

Mais de 60 mil cruzeiros foram arrecadados: O Governador do Estado assegurou todas as liberdades aos operários e destinou cinco telefones do Palácio do Inga para receber qualquer comunicação dos grevistas. Os prefeitos de Niterói e São Gonçalo colocaram-se ao lado dos trabalhadores.

AS GREVES DE SOLIDARIEDADE

Contudo, a greve prosseguia sem solução. A tendência das autoridades era para atender ao "Temário de Reivindicações", a fim de evitar o movimento nacional programado para o dia 11, e deixar os operários navais isolados, lutando sozinho pelo "Quadro de Carreira". Mas o Conselho da Federação dos Marítimos percebeu a manobra e decidiu, quando a greve dos operários navais já entrava no 16º dia, de paralisação do dia 11, só seria evitada se junto ao "Temário de Reivindicações" fosse aprovado o "Quadro de Carreira".

A decisão do Conselho da Federação, repudiando a manobra divisionista das autoridades, e afirmando a unidade da corporação, constituiu um golpe mortal no frustrado plano de liquidação da greve dos operários navais. Pouco depois, trabalhadores dos estaleiros de Santos e do Ceará comunicavam ao comando grevista que não procederiam

AS ELEIÇÕES NA CNTI

ROBERTO MORENA

Nos dias 16 e 17 deste mês se reúne o Conselho de Representantes da CNTI. Nesses dias se realizarão, através dos votos de 46 Federações filiadas, as eleições para a Diretoria e o Conselho Fiscal (e respectivos suplentes) que dirigirão a entidade máxima dos industriários para o biênio de 1959 a 1961.

De acordo com a estrutura da CNTI, dentro do sistema sindical vigente, são os representantes das Federações filiadas (um voto) que escolhem, por escrutínio secreto, a direção da Confederação. É uma forma muito restritiva e, dada a atual composição das representações dessas Federações, as eleições são sempre feitas à base de combinações estaduais e grupos de regiões. Nesse sentido, uma chapa não pode representar uma composição que atenda aos melhores e mais dinâmicos dirigentes, mas ao resultado dessas forças e de conveniências, às vezes pessoais.

Participação da reunião do Conselho de Representantes, se todas as Federações tiverem sua delegação completa, 184 pessoas. Mas quem vota são somente 46 delegados, isto é, delegado-eleitor de cada Federação com direito a voto. É evidentemente uma forma antidemocrática e por isso capaz de permitir combinações de ordem pessoal e de interesses de grupos.

Anejar de todas essas restrições, as eleições na CNTI (como em outras Confederações) tomam cada vez maior importância e criam interesse na massa trabalhadora. A CNTI vem adotando, nos últimos anos, uma posição mais combativa e independente. Já não é aquele organismo que tinha por linha de conduta a campanha anticomunista e de prostração frente aos interesses patronais, em nome de uma falsa « paz e harmonia social ». A CNTI

tem ocupado um posto importante na luta pelas melhorias das condições de vida da classe trabalhadora, como se viu nas duas campanhas da revisão do salário-mínimo. Além disso, tem assumido uma posição combatente ao lado das forças nacionalistas. Ela tem como programa a Carta Econômica de 1956 e o Decálogo de 31 de janeiro de 1957, que são documentos programáticos para toda a classe trabalhadora.

A Diretoria a ser eleita para o biênio de 1959 a 1961, dois anos de grandes lutas políticas e, sobretudo, de firmeza de definições em prol da independência econômica e política de nossa pátria, tem uma grande responsabilidade. Por isso é que os que militam em seu seio, os que atuam em Federações e Sindicatos de Industriários (967 em todo o país), esperam que sua composição reflita um sério avanço sobre a atual Diretoria, que contém muito peso morto e que não dirige o organismo dos trabalhadores da indústria como uma equipe.

Do resultado dessas eleições dependem muito as atividades futuras da CNTI. Não é por acaso que certas forças políticas reacionárias possuidoras de recursos financeiros imensos, despacham seus agentes para aliciar votos, para corromper e pressionar. Querem ter em suas mãos a CNTI para maneja-la durante o pleito eleitoral de 1960. A responsabilidade dos que vão votar no dia 17 é, pois, muito grande. Esperamos que pensem bem e reflitam, no seu voto, as aspirações unitárias dos trabalhadores, a luta por suas reivindicações e direitos, para que a CNTI possa ir avançada, como tem feito ultimamente.

É isso que esperam os trabalhadores, não só industriários, mas todos os trabalhadores do Brasil.

Direito de Greve

SINDICATOS DO CEARA CONTRA O PROJETO ROLHA

FORTALEZA (Da Correspondente) — Mais de trinta sindicatos operários desta Capital, em recentes assembleias, realizadas na tradicional sede da Associação dos Choferes, tomaram importantes decisões, entre as quais a de lutar contra a aprovação do projeto do senador Jefferson de Aguiar que cerceia o direito de greve. Decidiram ainda os trabalhadores participarem dos seminários promovidos pelo CODENO, em colaboração com o Governo do Estado, nos Vales do Curu e do Cariri; organizar uma comissão de estudos e divulgação da CLT, e da Lei Orgânica da Previdência; apoiar a construção do Hospital do IAPI em Fortaleza; lutar pela definitiva construção do Porto da cidade; lutar pela aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social; lutar contra a Portaria 158 do Ministério do Trabalho; e contra a carestia de vida.

Essas resoluções foram adotadas pelos sindicatos dos têxteis, ferroviários, bancários, comerciantes, metalúrgicos, estivadores, pedreiros, garçons, alfaiates, barbeiros, sapateiros, motoristas, gráficos, portuários, jornalistas, eletricitistas, padeiros e representantes de outras categorias profissionais.

ASSEMBLÉIA DE AERONAUTAS

Será realizada no próximo dia 16, às 18 horas, na sede do Sindicato dos Aeroaviários, uma assembleia dos aeronautas, para tratar de assuntos relacionados com a regulamentação da profissão e com medidas de solidariedade ao líder Ivan Alkmim, ex-diretor do Sindicato, demitido da PANAIR após 15 anos de serviço. A dispensa de Alkmim, autêntico líder dos trabalhadores do ar, vem sendo objeto de protestos não só dos aeronautas, como também de dirigentes sindicais de diversas categorias profissionais.

A BATALHA DOS SALÁRIOS

AEROVIÁRIOS EM MESA-REDONDA

Deverá realizar-se no próximo dia 16 a primeira mesa-redonda entre representantes dos aeroaviários e dos empregadores, para a discussão do novo aumento salarial que vem sendo pleiteado pelos trabalhadores na base 45% com um mínimo de 3.500 cruzeiros. O novo acordo, que se espera seja firmado amigavelmente, entrará em vigor em 16 do mês vindouro.

AUMENTO DO PESSOAL EM CARRIS URBANOS

Os trabalhadores em Carris Urbanos aguardarão até hoje, sexta-feira, a regularização do pagamento da melhoria salarial de 35%, que a Light só quer pagar depois de conseguir um novo aumento de tarifas ou subvenção governamental. Os trabalhadores estão com assembleia marcada para o dia 16, quando decidirão sobre o caminho a tomar. Seu Sindicato vem lutando pela constituição de uma comissão de técnicos destinada a examinar a situação das empresas do Grupo Light, e verificar se realmente há necessidade de novo reajustamento de tarifas. Enquanto esse estudo não é realizado, o Sindicato sugere que o Governo continue subvencionando a verba destinada ao aumento salarial, a fim de que os trabalhadores não sofram nenhum prejuízo.

Contra-proposta dos têxteis

Cerca de 32 mil trabalhadores têxteis do Distrito Federal, através do seu Sindicato, fizeram uma contra-proposta ao Sindicato patronal solicitando um aumento salarial de 25% com um mínimo de 1.500 cruzeiros. O referido aumento deverá entrar em vigor a partir de 1 de novembro para os operários do setor de lã, e em 16 do mesmo mês para os trabalhadores dos demais setores da indústria têxtil. A resposta patronal está sendo aguardada.

Professores querem 100%

Os professores do Distrito Federal vão se lançar na campanha pela conquista de um aumento salarial de 100%. Para tratar do assunto, o presidente do Sindicato, sr. Bayard Demaria Boiteux, convocou uma assembleia geral para o próximo dia 14, às 15 horas, na sede da entidade dos mestres do ensino primário, secundário e de artes desta Capital. O último acordo salarial dos professores termina a 28 de fevereiro de 1960 mas a campanha pela sua renovação vai começar já.

ASSEMBLÉIA DE PADEIROS

Os padeiros desta Capital reunir-se-ão no próximo dia 13, na sede do seu Sindicato, para decidir se aceitam o aumento de 60%, sobre os salários de novembro de 1957, conforme decidiu o TRT, ou se recorrem à greve, ou ao TST. Os trabalhadores reivindicam um aumento de 50% sobre os salários de janeiro de 1959. O aumento que lhes foi concedido significará uma melhoria real de pouco mais de 10%, que não corresponde à elevação do custo da vida.

Requero à Mesa, ouvido o Plenário, ofício lido de que seja informado o seguinte, ouvidas licimento;

Trabalhadores paulistas (reunião do Conselho):

Intervenção Nos Frigoríficos Previdência e Direito De Greve II Conferência Sindical Nacional

O Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, reunido no dia 8 do corrente, com a participação de representantes de 11 federações e de 75 Sindicatos, decidiu protestar contra a demissão do general Uruahy Magalhães da presidência da COFAP, e defender a intervenção federal nos frigoríficos. Criticando veementemente a atual política de preços do Governo, os dirigentes sindicais tomaram resoluções no sentido de exigir a participação dos trabalhadores na COAP e nas COMAPS, e de lutar pela aprovação do projeto governamental criando a Superintendência do Abastecimento, que se encontra esquecido na Câmara Federal.

PREVIDÊNCIA E DIREITO DE GREVE

Na mesma reunião, que foi a primeira a ser realizada com tal amplitude, ficou resolvida a participação dos trabalhadores paulistas na II Conferência Sindical Nacional, a ser realizada nesta Capital. Nesse sentido, a Comissão Executiva do Conselho ficou encarregada de organizar a Delegação Estadual, que será composta de 100 membros.

Os líderes sindicais reunidos na Capital paulista decidiram reafirmar sua posição em defesa do direito de greve, e repelir todos os projetos de regulamentação que contrariem o estabelecido na Constituição Federal. Quanto à Lei Orgânica da Previdência Social, foi aprovada a defesa do trabalho da Comissão de Estudos da I Conferência Sindical Nacional.

CONGRESSO ESTADUAL

Após a aprovação do regimento interno do Conselho, e a composição da sua diretoria, foi decidida a convocação do Congresso Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, que deverá reunir-se nos últimos dias de abril próximo. O manifesto de convocação do conclave será dado à publicidade na primeira quinzena de dezembro.

A importante reunião do Conselho Sindical Paulista, que se realizou na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, foi dirigida pelos líderes Olavo Peviatto, Dante Pellacani, Floriano Francisco Dezen, Dervis Garcia, Afonso Teixeira Filho, Antônio José Fava, Sebastião Francisco Borges, Rafael Martinelli, José Tabaraci, Newton Eduardo de Oliveira e Roberto Morena.

Escândalo BNDE - S. Paulo Light

Banco Já Deu Mais De Meio Bilhão Light Não Entregou Ação Alguma

Este jornal está em condições de revelar aos seus leitores mais um detalhe da autêntica negociata levada a efeito pela administração de Roberto Campos, quando à frente do BNDE, com a Light de São Paulo. Segundo a transação, o Banco de Desenvolvimento Econômico emprestou (leia-se: doou) à Light a quantia de um bilhão e trezentos milhões de cruzeiros, em troca do recebimento de ações daquela empresa no valor correspondente.

A transação em si é imoral, absurda, contrária aos interesses nacionais sob diversos aspectos, conforme foi demonstrado na Câmara pelo deputado Salvador Losacco, em discurso de que damos adiante um resumo. Entretanto, torna-se ainda mais criminosa levando-se em conta que o Banco já entregou à Light mais de 40 por cento daquela importância, como adiantamento, sem receber da empresa uma única ação. Como garantia do dinheiro entregue, o Banco recebeu da Light apenas duas promissórias, dois títulos assinados pelos diretores da empresa imperialista, verdadeira e exclusivo privilégio desfrutado pela Light.

Os adiantamentos foram feitos em 5 de junho — importância de 390 milhões de cruzeiros — e em 13 de agosto — mais 150 milhões, num total de 540 milhões de cruzeiros!

PALAVRAS E A REALIDADE

No discurso que pronunciou na Câmara, o deputado Losacco iniciou mostrando a falsidade dos argumentos com que a grande imprensa estependiada pelo capital imperialista fez a cobertura da negociata. Diziam os jornais que a transação possibilitaria a participação do Banco na empresa e até — juntavam — o controle da empresa pelo Banco.

De fato, as coisas se passaram de modo bem diferente. A "tomada de ações" do Banco pela Light representa, realmente, a entrega, SEM PRAZO PARA DEVOLUÇÃO, da quantia de 1,3 bilhões de cruzeiros do BNDE à Light. E para que se tenha uma idéia mais aproximada do que seria possível fazer com essa quantia, basta dizer que é quase o total dos recursos necessários para a construção da Usina Siderúrgica de Santa Catarina, que abasteceria da aço a região sul, ao mesmo tempo que contribuiria para resolver o problema do carvão daquele Estado, pois que utilizaria o carvão de vapor ali produzido em excesso.

É certo que as obras em nome das quais a Light obteve o financiamento do BNDE — ampliação da Usina Termo-elétrica de Piratininga e a de Cubatão — também poderiam ajudar a solucionar o problema do carvão nacional. Entretanto, continuou o deputado Losacco: "em troca do dinheiro entregue, o BNDE não tem sequer o direito de exigir que a nova unidade de Piratininga consuma carvão de vapor catarinense, em lugar do óleo diesel que ainda importamos".

A OPOSIÇÃO E A BURLA

Quando, no princípio deste ano, lembrou o deputado Losacco, a S. Paulo Light fez um pedido de

empréstimo ao BNDE, várias foram as manifestações contrárias de setores nacionalistas. No Parlamento e fora dele, salientavam os patriotas o absurdo do governo entregar recursos públicos a uma empresa estrangeira para que ela aumentasse o seu capital, elevasse o teto dos seus lucros e onerasse ainda mais o balanço de pagamentos do país, com maiores exportações de dólares. Mesmo dentro do BNDE, por parte dos técnicos, a opinião era contrária ao empréstimo, e em consequência o Conselho de Administração do Banco foi obrigado a rejeitar o pedido. Que fez, então, a Diretoria do BNDE, encabeçada pelo sr. Roberto Campos? Descobriu uma fórmula cômoda — a "tomada de ações" — e com essa mistificação contornou as dificuldades, servindo à Light.

AVAL: CONDIÇÃO... DA LIGHT

Com a fórmula para a entrega à Light do dinheiro do BNDE foi a "tomada de ações" e não o empréstimo, a empresa imperialista "concordou" com a transação, desde que o Banco aceitasse uma condição por ela imposta. Assim, para poder ter o "direito" de adquirir as ações da Light, isto é, o "direito" de entregar 1,3 bilhões de cruzeiros à empresa estrangeira, o BNDE devia avaliar (como representante do Tesouro Nacional) um empréstimo de 11 milhões e 600 mil dólares do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento à Light de São Paulo.

"CONTROLE DIRETO", UMA BALELA

Vejamos, agora, a que se reduz realmente, o decantado "controle direto" do Banco sobre a Light. O pseudo-controle, conforme revelou em seu discurso o parlamentar, é definido pelas letras e, f e g do item 4 da Decisão do Conselho de Administração do BNDE, de 25 de maio do corrente ano.

Segundo a letra e, as ações preferenciais nominativas a serem tomadas pelo Banco à Light, dão ao estabelecimento oficioso de crédito o direito a voto nas assembleias gerais extraordinárias da Light para tratar de alteração nos estatutos. E só. Se se tratar da assembleia geral ordinária, que aprecia o relatório anual da sociedade, o Banco não terá mais direito a assistir-la do que qualquer leitor de NOVOS RUMOS. E nessas assembleias é também quando se realizam as eleições para a Diretoria e para os 15 membros do Conselho de Administração da empresa.

A VERDADE SOBRE O EMPRÉSTIMO SEM COMPROMISSO DE AMORTIZAÇÃO FEITO PELO ESTABELECIMENTO OFICIOSO A EMPRESA IMPERIALISTA — COM 1,3 BILHÕES DE CRUZEIROS PODERIA SER CONSTRUÍDA A SIDERÚRGICA DE SANTA CATARINA — A LIGHT IMPOE O BANCO ACEITA — A MENTIRA DO CONTROLE DO BANCO SOBRE A EMPRESA — E AS TARIFAS AINDA PODERÃO SER AUMENTADAS. — UM DISCURSO DE LOSACCO REVELA A BANDALHEIRA.

DOIS EM QUINZE

Loossegue o deputado Losacco em sua análise: pela letra f, o Banco tem direito à eleição de dois dos quinze membros do Conselho de Administração da Light de S. Paulo. Mas, que espécie de controle pode ser exercido através desse Conselho? Pelos estatutos da Light, quem tem a representação ativa e passiva da sociedade são os membros da Diretoria. Quem tem poderes de administração e gestão dos negócios sociais, direito à prática de todos os atos e à realização de todas as operações que se relacionam com os objetivos da empresa, quem tem, de fato, poderes de controle sobre a sociedade e a Diretoria. E a Diretoria da Light o BNDE é tão estranho como qualquer leitor de NOVOS RUMOS, é o que se vê. Como, pois, exercer qualquer controle participando apenas do Conselho de Administração, cuja função é somente consultiva e opinativa e não decisória?

Aliás, era mesmo de espantar que jornais como "O Estado de São Paulo", que vivem a clamar contra o "estatismo", de repente passassem a bater palmas ao controle sobre uma empresa privada, ainda mais quando esta empresa é a Light.

Outro aspecto destacado pelo deputado Losacco: o Conselho de Administração é eleito em assembleia geral da empresa e o tipo de ações a serem transferidas para o Banco não dá a este o direito de participar das assembleias gerais para outros fins que não sejam os de alterar os estatutos. E se a assembleia geral da Light não elege os dois representantes do BNDE?

Supondo, entretanto, que os dois representantes do BNDE fossem eleitos, eles pouco poderiam fazer, desde que estariam em infima minoria. E as próprias reuniões do Conselho de Administração realizam-se somente por convocação do Diretor-Presidente, do Vice-Presidente (da Diretoria) ou de três dos seus membros. Os votos do BNDE não dariam sequer para convocar o Conselho.

(Aliás, os dois nomes indicados pelo Banco para o Conselho — srs. Mário Lopes Leão e Miguel Osório de Almeida — estão hoje reduzidos a um: o sr. Miguel Osório saiu do BNDE com Roberto Campos. E esse um continua figurando como mera in-

"FISCALIZAÇÃO"

Continua o deputado Losacco: "Quanto à fiscalização, existe, segundo a letra g, apenas uma vaga possibilidade de "verificação" da correta aplicação dos recursos, mas apenas daqueles supridos pelo Banco.

É simplesmente ridículo, depois de tudo isso, falar-se em controle direto do BNDE sobre a S. Paulo Light. Que condições dessa ordem estejam sendo apresentadas como imposições do BNDE à Light é apenas jogo tático inventado pelas grandes empresas estrangeiras interessadas, em convencer a opinião pública de que o Estado brasileiro fez um bom negócio.

APRÉSTIMO SEM COMPROMISSO DE AMORTIZAÇÃO

Aspecto particularmente desvantajoso da imoral transação é o que se refere aos compromissos assumidos pelo BNDE com relação às ações tomadas. Eis o que disse a respeito o parlamentar, em seu discurso:

"Outra peça dessa imensa mistificação, que é o acordo BNDE-Light, é a questão da venda no mercado de títulos das ações subscritas pelo Banco. Reza o item 2 das Condições Especiais da Decisão do Conselho de Administração do BNDE de 25 de maio de 1959: "O Banco acorda em não vender a pessoas físicas ou pessoas jurídicas de capital privado, dentro do prazo de 7 meses da subscrição, as ações tomadas, a fim de permitir que a empresa recorra diretamente ao mercado de títulos para execução de seu projeto. Entretanto, o BNDE poderá promover a venda de suas ações antes de decorrido esse prazo, caso se decida, por mútuo acordo, que o mercado de capitais tem capacidade para absorvê-las a preços que o Banco considera razoáveis.

Após esse termo, o Banco e a empresa manter-se-ão em regime de consulta para coordenar o lançamento das ações do Banco, a fim de evitar o aviltamento dessas ações".

O BNDE esperará 3 anos e meio para que a "Brazilian Traction" faça uso dessa nova fórmula descoberta para captar a simpatia pública: a venda a cidadãos brasileiros das novas ações a serem emitidas.

E, depois disso, o Banco só lançará no mercado suas ações depois de consultar a Light e sem sua permissão prévia não poderá vendê-las. A fórmula da tomada de ações se revela como farsa. De fato, ela representa um empréstimo sem compromisso de amortização, ou melhor, amortizável segundo as conveniências da Light, uma vez que esta, se quiser, pode resgatar as ações. Representa uma doação, e a juros relativamente baixos.

COBERTURA PARA AUMENTO DE TARIFAS

Finalmente, o deputado Losacco denunciou um outro aspecto do contrato entre o BNDE e a Light, que diz respeito diretamente à economia do povo. Trata-se do seguinte: Entretanto, fato mais grave ainda é o de que o acordo BNDE-Light abre um caminho legal para que a S. Paulo Light venha futuramente a exigir

A "TRAMWAYS" ESTÁ VENDENDO O QUE DEVE ENTREGAR AO ESTADO

RECIFE, (Do Correspondente) — A medida que se aproxima o dia em que todos os bens dos serviços de iluminação e bondes da Pernambuco Tramways deverão reverter gratuitamente ao Estado — em 1962 — acirra-se a luta entre as forças nacionalistas e a empresa americana. Um novo episódio nesta luta vem de surgir, com a denúncia de grave irresponsabilidade praticada pela "Tramways" visando frustrar a reversão próxima.

TRANSFERENCIA ILEGAL

A Comissão do Pacto de Unidade Sindical encarregada de estudar o problema da reversão, apurou e denunciou que a empresa americana tem pronto para fazer embarcar com destino à Cia. Fôrça e Luz de Minas Gerais, um compressor de ar, que a "Tramways" alega haver vendido à sua própria miniera, outro tentáculo do polvo "Bond and Share". Os líderes sindicais levaram o fato ao conhecimento do secretário da Visção do Estado, acrescentando que o aparelho já está embalado e o volume traz as seguintes inscrições: "C. L. F. — Minas Gerais — Belo Horizonte — Via Rio-C, 632 — altura — 1,70m — comprimento, largura, n.º 1 — Peso bruto 380 — Peso líquido — 329".

ALEGAÇÕES DA "TRAMWAYS"

Divulgada a denúncia pela imprensa, a empresa americana viu-se obrigada a sair a público com uma explicação sobre o fato. Em carta a um matutino local, Mr. L. M. O. Pabst, diretor da "Tramways" declara que o compressor de ar a ser realmente transferido por venda à Cia. Luz e Fôrça de Minas Gerais, não se relaciona com o serviço de bondes nem com o serviço de iluminação pública, mas sim estava instalado em nossa Usina Elétrica, e portanto, contratualmente excluído da cláusula de reversão, podendo, por isto, ser negociado livremente, desde que não é mais necessário nos nossos serviços. (O grifo é de Mr. Pabst).

E AGORA, A VERDADE

Mr. Pabst só não falta à verdade quando confessa que realmente vai vender o equipamento. Entretanto, nem é certo que o compressor seja desnecessário, nem é certo que esteja excluído da reversão. Segundo os operários, o compressor é material imprescindível à manutenção das máquinas, água ou óleo.

umentos de tarifas a fim de cumprir as condições estabelecidas pelo Banco. Diz o item 6 das Condições Gerais da Decisão do BNDE que ora comentamos:

"Criação de um fundo de resgate anual das ações preferenciais subscritas pelo Banco, em ritmo a ser determinado por esta entidade, tendo em vista a posição financeiro-contábil da empresa e considerando os limites da legislação específica em vigor para encargos computáveis na tarifa."

Ora, se o BNDE exige a criação desse Fundo de Resgate, a Light, sob a alegação de não ter recursos para criá-lo, pode pleitear um aumento de tarifas para cumprir esta "exigência", e tal possibilidade lhe é sugerida pelo próprio acordo. O povo pagará, então, duplamente pelos empréstimos da Light. Uma vez, porque os recursos do BNDE são em última análise contribuição fiscal dos brasileiros. E duas vezes, porque pagará tarifas elevadas para a formação de um Fundo de Resgate da Light, com o qual esta devolverá, ou não, o dinheiro entregue pelo BNDE, pois em nenhum item ou letra dos acordos BNDE-Light encontramos sequer a menção de uma exigência de devolução desses recursos do BNDE.

Quando à cláusula de reversão, a 44.ª do contrato firmado pela "Tramways" com o Estado, estabelece: "Reversão do sistema de iluminação — No fim do prazo desta concessão, terrenos e edifícios em que existirem instalações necessárias à iluminação pública, todas as obras, MAQUINISMOS, encaamentos, condutores, postes, arandelas, colunas, fios, transformadores, lâmpadas, registros destinados também à iluminação pública e existentes vinte e cinco anos depois da data da assinatura deste contrato reverterão ao Governo, sem indenização de espécie alguma e bem assim o estoque de materiais refrigidos na cláusula vigésima segunda..."

PROVIDÊNCIAS

Entretanto, apesar das obrigações da "Tramways", o secretário da Visção determinou providências imediatas no sentido de que o Departamento de Fiscalização de Obras do Serviço Público realize sindicâncias sobre o assunto.

Ao mesmo tempo, o Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia de Pernambuco, através do seu presidente, o universitário Sílvio Correia Lins, dirigiu um telegrama ao ministro da Agricultura, sr. Mário Meneghetti, informando que os estudantes, em assembleia, resolveram apelar para a consciência patriótica do ministro no sentido de que se seja nomeada, imediatamente, a comissão que fará o tombamento material e contábil da Pernambuco Tramways. Na mensagem, dizem ainda os estudantes que é chegada a hora de Pernambuco acompanhar o Rio Grande na libertação do país dos lucros ilegais das concessionárias estrangeiras de distribuição de energia elétrica.

NOVAS DENÚNCIAS

Depois de haver denunciado a transferência subreptícia do compressor de ar, a comissão sindical descobriu que também na oficina de bondes de Santo Amaro estava sendo preparado novo carregamento de material a ser embarcado para fora do Estado. Trata-se de volumes contendo mais de 5 toneladas de cobre e bronze, material pertencente às armaduras dos motores de bondes e cujo desmonte e embalagem foram feitos sob a orientação de um sr. Mário Rizzo.

As denúncias feitas pelo Pacto de Unidade Sindical estão tendo ampla repercussão no Estado e revelam a vigilância das forças nacionalistas em face das manobras da "Tramways" para frustrar a reversão por que o Estado anseia.

NOTA ECONÔMICA

FOCO ENTREGUISTA CORROMPE A POLÍTICA ATÔMICA NACIONAL

Há uma flagrante contradição entre a política nacional de energia atômica, tal como ela foi escrita e afirmada pelo Governo, e a execução desta política por este mesmo Governo, através da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Não será a única e nem a mais imediata prejudicial contradição neste Governo do Sr. Kubitschek, mas é, sem dúvida, potencialmente, uma das mais nocivas à economia nacional.

A política brasileira na questão atômica está definida pela resolução que, sobre o assunto, tomou o Conselho de Segurança Nacional, em 30 de agosto de 56. Nessa resolução, assinada pelo Presidente da República após uma memorável campanha nacionalista, ficou decidido:

— proibir-se a exportação de minérios atômicos, anulando-se os acordos que tinham sido assinados com os Estados Unidos, visando a exportação; condicionar-se a abertura das exportações, no futuro, à existência comprovada de grandes reservas de minérios no país e apenas na medida em que elas superassem a previsão do consumo, atual e potencial do país;

— decretar-se o princípio do monopólio estatal nas atividades fundamentais da industrialização do atômico, e do absoluto controle do Estado em todas as fases dessa industrialização;

— criar-se a Comissão Nacional de Ener-

gia Nuclear, órgão diretamente subordinado à Presidência da República, para executar a política assim definida.

Enquanto tramitava pelo Congresso o projeto que dá personalidade legal à Comissão Nacional de Energia Nuclear, o Presidente da República por decreto, deu vida provisória à Comissão nomeando para chefia-la um obscure oficial da Marinha Almirante Otacílio Cunha. Começou aí a contradição a que nos referimos: pois o almirante foi feito instrumento de uma política entreguista, de combater a resolução de CSN que ele deveria executar e começou a agir sem qualquer controle seu, o Congresso, seja do Catete, que se desinteressou pela questão e deixou que fizesse por ele o testa-de-ferro da Orquima, August Frederich Schmidt.

Nos três anos decorridos desde a criação da CNEN, o Almirante Otacílio Cunha só não anulou a resolução do CSN porque todos os seus atos — pelo menos os mais importantes — dependem de voto do Congresso. Apesar de dispor, anualmente, de uma verba de quase um bilhão de cruzeiros, ele não tomou qual-

quer providência visando impedir o contrabando de minérios atômicos para os Estados Unidos, limitando-se a omitir-se ou, mesmo, a contestar a importância das numerosas denúncias que vieram a público, sobre esse contrabando, nas mais diferentes regiões do país. Não convocou os cientistas brasileiros para a elaboração de um programa de trabalho para a Comissão, nem tampouco elaborou ele mesmo o programa nacionalista, em suas linhas gerais, recomendado pelo CSN.

Mais importantes, porém, do que as medidas que o almirante não tomou, apesar de recomendadas pela resolução do CSN, são as que ele tomou, em aberta contradição com este documento. Enquanto a resolução diz, textualmente, que a Comissão deverá seguir "uma política externa de comprometimento a curto prazo, pela qual o governo possa negociar, com todos os países amigos, ajustes bem caracterizados que facultem a implantação da indústria atômica do país", o almirante assinou com os Estados Unidos um "acordo de intercâmbio" que, pelo prazo de vinte anos, subordina todo o programa atô-

mico brasileiro à tecnologia e às leis norte-americanas. Assinou também um acordo geológico, com o mesmo país, que repete todas as cláusulas condenadas — de inequívoco caráter colonialista — do acordo denunciado, em 56, pelo CSN.

Para cúmulo, nos últimos dias, o Almirante Otacílio Cunha achou de investir, de público contra o princípio do monopólio estatal consagrado no projeto a ser aprovado, nos próximos dias pela Comissão de Economia da Câmara dos Deputados. Ao mesmo tempo, anunciava estar entregando à Light um reator para usina de energia elétrica, que ele pretende comprar nos Estados Unidos, o que é uma maneira mal disfarçada de forçar uma situação de fato, de rompimento do monopólio.

Muito vai depender do Congresso, e da pressão que sobre este exercer a opinião pública, a manutenção do princípio nacionalista na política atômica, e a consequente derrota do atual Presidente da CNEN. Depende do Congresso a aprovação de ambos aqueles acordos entreguistas — vimos, mesmo, há poucos dias, um vigoroso parecer do deputado Barbosa Lima Sobrinho, na Comissão de Justiça da Câmara, denunciando o caráter vergonhoso do primeiro desses acordos — bem como depende do Legislativo, como vimos, a própria constituição legal da CNEN. Esperemos que a Frente Parlamentar Nacionalista cumpra o papel de vigilância que lhe cabe, na questão.

R. A.

FLORES DA CUNHA

Escreve Pedro Motta Lima (Especialmente para NOVOS RUMOS)

Com o desaparecimento do general Flores da Cunha, perde o Brasil uma figura de grande relevo e atuação nos acontecimentos marcantes de sua época. Perde o Rio Grande do Sul, particularmente, em filho tão ilustre, em gaulês típico.

Este foi o rasgo inconfundível naquela personalidade que esteve presente em nossa história durante mais de meio século. Todo o esforço visando à definição de seu temperamento, sua conduta, sua obra, sua vida, leva-nos a esta síntese: o gaulês. Gaulês antes e acima de tudo. Depois as particularidades, que julgaremos cada qual de nosso ponto-de-vista.

Nasceu José Antônio Flores da Cunha, em 1880, na zona da Fronteira, em Livramento. Participou desde a adolescência das lutas em que se defrontavam, tradicionalmente, maragatos e chimagos. Embora se ausentasse dos pagos durante o curso de Direito que fez em São Paulo e no Rio, sua alma permaneceu gaulês e gaulês viveu até à morte, por mais que o retivessem fora dos pampas os sucessivos mandatos exercidos no Congresso Nacional, por mais que as tintas da cultura lhe envernizassem a primitiva casca grossa.

Chapéu com barbicacho, poncho-pala e bombacha, o lenço branco de castilista atado ao pescoço, agachava-se para carrear a res apetecida, ficava "proseando" na roda do chimarrão, senão formava a mesa do poquer, a matar o óleo entre dois combates. Sob o céu estrelado da corilha, uma sanfona tocava-

do, ou no silêncio das vigílias cautelosas, correndo todos o mesmo risco da surpresa no acampamento, o caudilho comungava com sua gente. Havia a diferença de classe. Mas naquele instante os sentimentos coletivos se interpenetravam. Então as normas eram seguidas à risca, toda uma ética, para uso próprio e aplicação variável em face do inimigo, punha a marca da terra e do povo indistintamente no general e no peão. Miram-se nos olhos com altivez, sem que a distância quebre a dignidade nas relações de homem para homem.

Filho de estancieiro, éle mesmo, grande proprietário, seria falso confundir-lo com o peão ou o colono sul-riograndenses. Mas também não o diríamos um fazendeiro paulista, um usineiro pernambucano, um criador de gado do Triângulo Mineiro ou do Piauí. Podemos nós ignorar como o social se filtra no regional, para dar-nos aquele tipo de caudilho? Talvez não venha a ser éle o derradeiro, se bem apareça aos nossos olhos já tão modernizado. Foi no final de contas a expressão de uma sociedade onde perduram as velhas relações da economia pastoril, ainda sob o latifúndio, ao passo que o capitalismo penetra numa agricultura mecanizada e o

nacional se ergue contra um colonialismo acastelado no frigorífico, no moinho e, até ontem, no truste da eletricidade.

Dai as características mais gerais, impressas na indole do cidadão que se formou na escola de um positivismo à brasileira, ouvindo o alcorão de Júlio de Castilho pela voz do califa Borges de Medeiros. E aquele seu feito cavalheiresco, bravo, rude e sentimental até às lágrimas, o panache de suas atitudes, o ardor e o brilho de sua ação militar, que lhe valeram o posto de general honorário do Exército. Tudo isso somando, na medida das circunstâncias, um governador de Estado com prestígio popular e um parlamentar que defendeu por mais de uma vez a liberdade, apolou causas generosas, como a da paz mundial, a autodeterminação dos povos, a anistia para perseguidos políticos em nosso país e no estrangeiro.

vítimas das masmorras de Franco, de Salazar, da ditadura grega, da paraguai, a autonomia estadual e a soberania pátria.

Sua posição, como prócer, nos episódios principais da vida política brasileira, obedeceu a uma linha de coerência. Em 1930 rompeu com os desmandos dos homens da primeira República. Assumiu a responsabilidade do desafio que um jornalista lhe atribuiu — "amarraremos nossos cavalos no obelisco da Avenida" — a fim de que sua incoerência no caso não parecesse retratação, e aqui chegou com os ginetes de uma das vanguardas do movimento de 3 de outubro. A princípio apoiou o constitucionalismo de 1932. Não secundou militarmente o levante paulista devido à feição separatista e de revanche que lhe deram certos dirigentes, com o lema impolítico do "tudo por São Paulo". Em 1937 tentou opor-se pelas ar-

HOMENAGEM A ELUARD

(Conclusão de 4.ª página)

a Dominique: "Foi a partir de você que eu disse sim ao mundo".

Sendo, embora, um tímido, arranca o que tem de mais íntimo em seu coração para oferecer à Amada.

"O amor não tem nada de misterioso".

Essa franqueza lhe vem da convicção de que, sendo sincera "toda declaração de amor comporta uma certa glória". E da ideia de que "toda carícia, toda confiança, sobrevivem".

A par de tudo isso, e para finalizar, não podemos deixar de referir aqui a grande paixão de Eluard pela liberdade. Não essa liberdade abstrata, palavra vazia, desmoralizada na boca de tantos demagogos, mas a SUA liberdade — uma liberdade em que a realização do indivíduo não se choca com o interesse social e sim é a expressão desse interesse.

Liberdade de pesquisar, amar, viver, ser feliz, superar as limitações de egoísmo exclusivista, contribuir para a formação de uma sociedade que fosse, de fato, "uma multidão enfim reunida".

A busca dessa liberdade, sendo o seu ideal, foi o sentido mais real de sua existência.

"Ao poder de uma palavra Recomeço minha vida Nasci pra te conhecer E te chamar — Liberdade."

Com razão, Eluard pôde dizer em um de seus versos: "o

ritmo do meu coração é um ritmo eterno".

E é que verificamos, na passagem do sétimo aniversário de sua morte. O poeta está presente entre nós, participa da nossa vida, comove-nos com seus poemas, e nós, com o pensamento voltado para a grandeza do seu gênio, lhe prestamos homenagem.

MORREU ANTONIO TEIXEIRA SILVA

SAO PAULO (Da Sucursal) — No dia 29 último, uma semana após ter chegado a esta Capital para tratamento médico, faleceu Antonio Teixeira Silva, antigo militante e dirigente comunista no Rio Grande do Sul.

Sua vida, marcada por duras privações, foi inteiramente dedicada à solução dos problemas do povo e da Nação. Em 1935, Antonio Teixeira Silva, 2.º tenente do Exército, foi integrante do movimento da Aliança Nacional Libertadora, tendo participado ativamente da revolução de 35. Por isso foi preso em Teresina e condenado a três anos, que passou na Casa de Detenção, penitenciária e Fernando de Noronha.

Posteriormente, empregou-se como apontador no Frigorífico Swift, na cidade do Rio Grande, onde organizou os comunistas daquela empresa. Lutador destacado em defesa das reivindicações populares, foi também um abnegado dirigente comunista daquele município, pelo que várias vezes foi preso.

Morrendo em São Paulo, deixou viúva D.ª Guaraciba, vereadora comunista de 1948 a 1951, e três filhos. No enterro estiveram presentes inúmeros amigos e correligionários, tendo usado da palavra um representante dos comunistas.

Deputado João Fernandes: INDIGNO DA CONFIANÇA DOS TRABALHADORES

Recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota: "Os comunistas do Estado do Rio, em particular marítimos e operários navais, comunicam que o deputado estadual João Fernandes não possui atualmente nenhuma ligação com o movimento comunista, nem merece mais a confiança dos trabalhadores e do povo fluminense.

O sr. João Fernandes, eleito deputado devido, principalmente, ao apoio e aos votos dos comunistas, uma vez empossado não correspondeu à confiança que nele depositaram os que o elegeram. Fugindo aos deveres de deputado dos trabalhadores, começou a utilizar indiscriminadamente o seu mandato em benefício exclusivo dos seus interesses pessoais, faltando, portanto, sem causa justificada, às sessões da Assembleia Legislativa. Grande parte do tempo roubado ao cumprimento de suas obrigações parlamentares, João Fernandes o empregou para montar uma serraria, cometendo a falta grave de utilizar para

mas no golpe de 18 de novembro. Resistiu intransigentemente ao Estado Novo. Conhecido o exílio, após sua deposição do governo do Rio Grande do Sul. Quando o Brasil entrou na guerra contra o Eixo, cruzou de volta a fronteira. Foi preso, cumpriu pena de dois anos na Ilha Grande. Sua filiação à UDN, desde 1945, não o impediu de reprová-las manobras com que os aproveitadores do 24 de agosto pretenderam negar a posse aos eleitos à presidência e vice-presidência da República, nos sucessos de novembro de 1955. Em exercício do cargo de presidente da Câmara dos Deputados, defendeu a legalidade democrática e assim contribuiu para dar solução constitucional à perigosa crise aberta com os golpes palacianos iniciados pelos srs. Café Filho e Carlos Luz, em obediência aos planos urdidos pelos srs. Eduardo Gomes, Juarez Lacerda, Jânio Quadros. Ao falecer, na idade de 80 anos, o general Flores da Cunha ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro, representando-o naquela mesma Casa do Congresso Nacional.

Os que privamos de seu convívio e sua amizade, anos a fio, no recinto da Câmara, mais tarde no exílio e no confinamento da Ilha Grande, guardamos desse homem ilustre, desse devoto patriota, uma recordação cheia de afeto e saudade. E de todo o coração que nos associamos às homenagens a éle tributadas por seus conterrâneos e pelas forças democráticas do país.



Semana De Reforma Agrária De 23 a 28 do corrente, em São Paulo

quando o grupo de trabalho achar conveniente.

Agrícolas do Brasil (ULTAB), Sociedade Rural Brasileira, Cooperativa Central Agrícola etc.

PROGRAMA

Conferências, debates e visitas compõem o programa da Semana. As conferências serão proferidas por autoridades e representantes das Faculdades das Universidades de São Paulo e Católica, da FARESP, da Sociedade Paulista de Agronomia, dos Bancos do Estado e do Brasil, de outras entidades convidadas, tais como a União dos Lavradores e Trabalhadores

TEMARIO

O temário da Semana abrange os seguintes pontos principais: 1) Reforma Agrária; 2) Estrutura Agrária do Estado de São Paulo; 3) Aspectos Positivos e Negativos da Atual Estrutura Agrária do Estado de São Paulo; e 4) Conclusões e recomendações a serem encaminhadas ao governo do Estado.

RADIO TV

PRK 30

O velho «PRK 30», que tanto sucesso alcançou no Rádio, na década de 40 — e que ainda hoje se mantém no ar — emigrou para a televisão. É preciso confessar que a nossa primeira reação, ao ler os «slides» da TV-Rio, anunciando a famosa dupla Lauro Borges-Castro Barbosa, foi de absoluta descrença. Poderia um programa cansado e superado no Rádio obter êxito na televisão? Que futuro poderiam ter na TV o «Otelo Trigueiro», a «D. Maria Dobraçuda da Porta Baixa» e tantas outras personagens que fizeram a delícia dos ouvintes de rádio de alguns anos atrás? Um minuto após obtinhamos a resposta: a televisão fazia o milagre de renovar o velho programa radiofônico e éle era um sucesso já garantido. As imitações de Lauro Borges (soberbo no turco e na caricatura que fez de Silvia Autuori) e Castro Barbosa (feste, excelente no caçador), eram o que de melhor no gênero a televisão já havia apresentado. A solução da «fúria» para possibilitar aos comediantes, mudar de caracterização não nos pareceu muito feliz. E' um detalhe que poderá ser corrigido. Não eliminando de todo a bandinha, mas usando também de outros recursos. A publicidade também nos pareceu muito bem adaptada ao programa. Acreditamos que, com o tempo, mais aclimatado, PRK 30 se transformará na maior atração humorística de nossa TV, tão pobre delas.

"O GRANDE NEGOCIO"

Enfim, o Teatro Moinho de Ouro nos deu um bom espetáculo. Com a peça de Paddy Chaiesty, «O Grande Negócio», tivemos domingo último Mário Lago, Elza Gomes, Sérgio de Oliveira e o «cast» costumeiro do Teatro de Variedades redimindo Victor Berbara de alguns dos muitos pecados que cometeu nesse horário. Não somos admiradores entusiastas do sr. Chaiesty, que sempre nos pareceu demasiado mediocre, apesar da grande popularidade de que goza atualmente nos Estados Unidos. Esse seu trabalho, entretanto, é dos melhores que temos visto ou lido, desde aquele decantado e inconsistente «Marty», que nos revelou o pseudo-gênio da televisão americana. A direção esteve à altura da peça, sabendo imprimir o clima necessário e marcando bem. Algumas gafes vão aqui apenas a título de registro. Não tiraram o valor do espetáculo. Por exemplo: a passagem de um câmera por trás de um «set» e as constantes aparições do «boom».

CASE HOMENAGEIA CASE

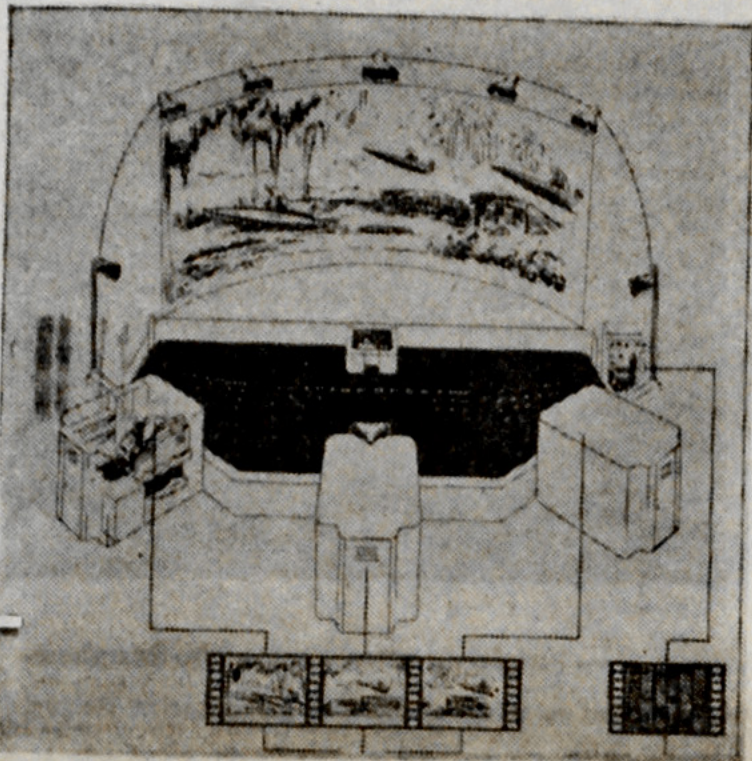
Com alguns quadros bons e outros horríveis, «Noite de Gala» homenageou o Programa Casé, dos velhos tempos do Rádio. Como «Noite de Gala» é produzido pela Agência Casé, tratava-se de uma auto-homenagem, algo na base do cabotismo.

PIADAS DO MANDUCA

Como evidente sinal da falta de ideias novas que impera em nosso rádio, voltou ao microfone da Nacional o pré-histórico programa de Renato Murese, «Piadas do Manduca». Num tremendo esforço de conformismo mental, conseguimos ouvir metade da audição de domingo. Mas caímos num estado de melancolia tão profundo, que desistimos da outra metade, temendo que ela nos levasse a uma psicose maniaco-depressiva.

PERO VAZ

Niterói, 31 de outubro de 1959.



Esquema de funcionamento do CINERAMA vendo-se em primeiro plano três fotogramas (correspondentes a 3 fases diferentes do movimento das lanchas) ligados às três cabinhas de projeção (2 laterais e 1 central). A direita vê-se um fotograma correspondente à trilha sonora (6 faixas de som) que serão amplificadas na cabina de som e reproduzidas pelos alto-falantes dispostos atrás da tela e dos lados. Ao fundo a tela côncava e a ação desenrolando-se num ângulo de 146 graus. Abaixo da tela e no centro vê-se o operador responsável pela correta sincronização das três imagens e pela boa distribuição sonora

Cinerama — Novo "Tapete Mágico"

GENNYSON AZEVEDO

O que é Cinerama?

Cinerama é o espetáculo cinematográfico obtido pela projeção simultânea de 3 imagens, realizada por 3 projetores dispostos separadamente, sobre uma tela côncava alcançando amplitude de 146 graus. O efeito estereoscópico (isto é, de relevo), é obtido nas cenas em movimento quando a câmara de filmagem se desloca: quer esteja num trem, num automóvel, num avião ou numa lancha. Tal efeito de relevo é reforçado pela utilização do som estereofônico com a disposição dos alto-falantes em três setores: à esquerda, ao centro e à direita da tela, além dos colocados lateralmente e que dão a sensação de encontrar-se o espectador no centro dos acontecimentos.

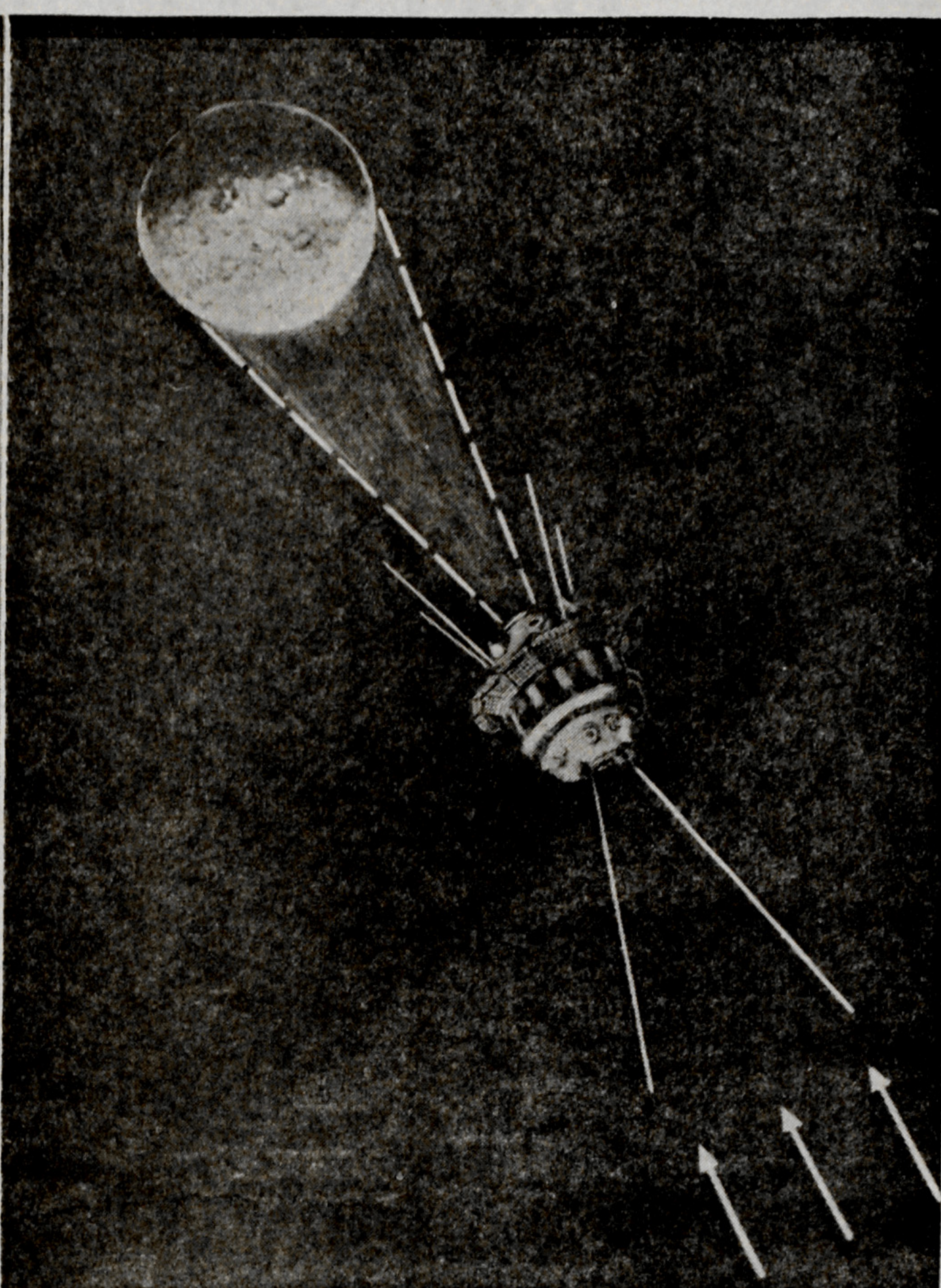
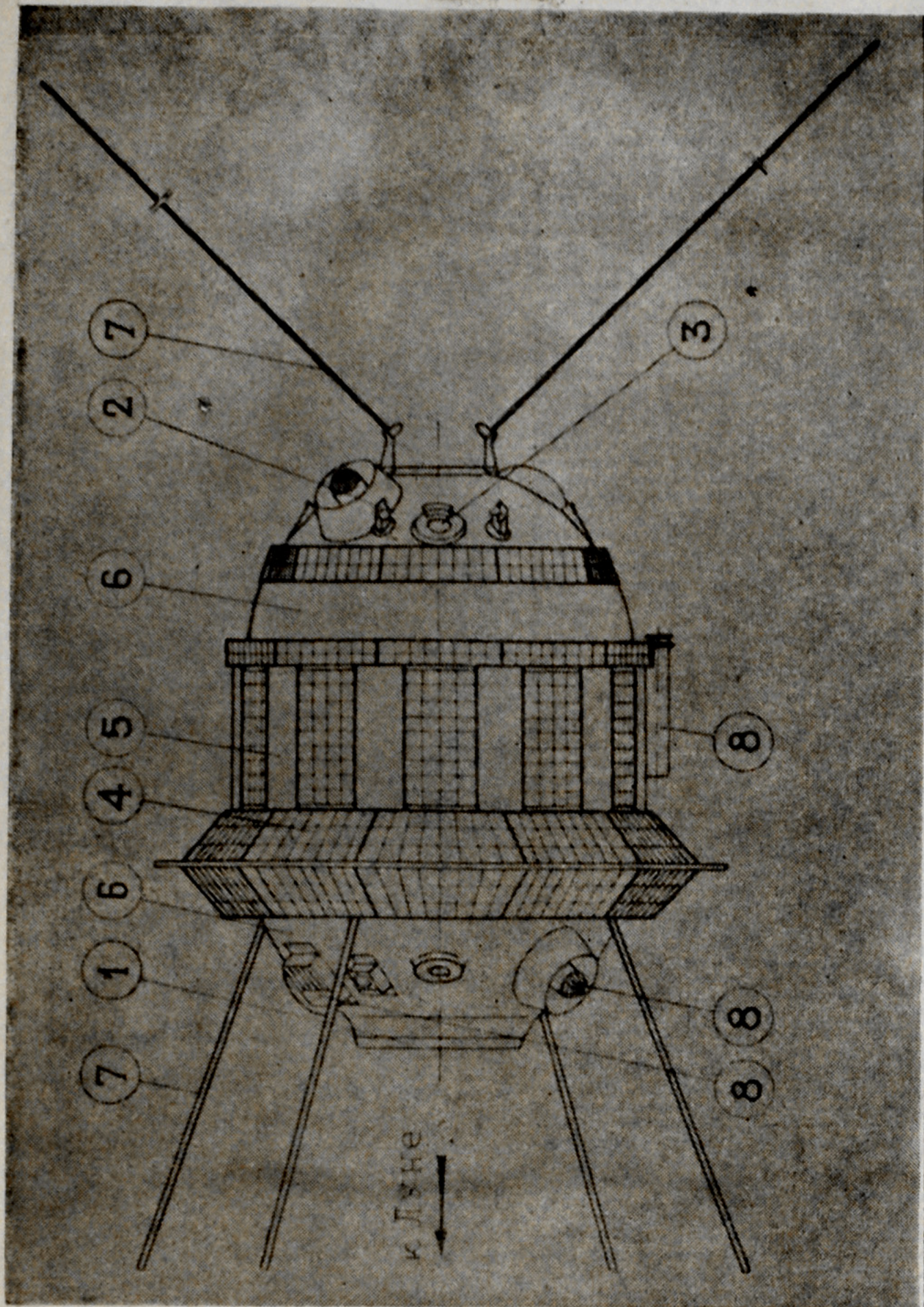
Históricamente, o Cinerama apareceu nos Estados Unidos em 1952, época em que o cinema americano chegava ao auge da crise, vitimado pela concorrência da televisão e a hipocrisia dos argumentos melodramáticos enquadrados nos esquemas ditados pelo «Código Hays» ou «Código do Pudor». Ao contrário do que se podia esperar, a nova conquista técnica, embora obtendo um sucesso fulminante, não se espalhou pelo mundo em poucos meses como aconteceria com o cinematóscopo. O custoso equipamento de projeção obrigando a construção de salas especiais e ocupando numeroso pessoal especializado, com naturais reflexos nos preços dos ingressos, impôs a limitação das salas a 2 ou 3 dezenas em todo o mundo.

O espetáculo oferecido pelo Cinerama ou Kinopanorama (processo soviético) é antes de mais nada curioso. Como já frisamos, existe o efeito estereoscópico nas sequências onde há deslocamento da câmara dando uma intensa impressão de participação nos acontecimentos. Um carro que velozmente faz uma curva, uma volta na «montanha russa», com subidas e descidas loucas, uma lancha em disparada ou um avião que sobrevoa determinada região fazem-nos participar da ação. Porém, as cenas estáticas quando aparecem, claramente, as separações entre as 3 imagens, sobre a tela imensa, roubam o realismo de espetáculo. Até agora ainda não foi encontrado um meio de evitar-se este aspecto, fran-

camente ruim, do Cinerama. Aliás, a projeção é controlada por um técnico encarregado a cuidar da sincronização das 3 imagens como do maior ou menor volume dos alto-falantes espalhados pela sala. Tanto os norte-americanos com Isto é Cinerama e As 7 Maravilhas do Mundo, como os soviéticos com Vasto é meu País, têm se valido das dimensões da tela (15 a 25 metros de comprimento por 8 a 10 metros de largura) para desfilarem imagens movimentadas numa espécie de tapete mágico através de regiões pouco conhecidas do espectador estrangeiro.

Assisti aos dois processos em lugares e datas diferentes. O Kinopanorama vi-o em Bruxelas, há pouco mais de um ano, como parte da mostra soviética na Feira Internacional patrocinada pela Bélgica. O Cinerama acabo de vê-lo no mais novo cinema de São Paulo — Comodoro — especialmente construído para esta estréia. Tecnicamente ambos oferecem o mesmo rendimento, embora o Kinopanorama utilize 9 faixas sonoras, mais 3 que no processo norte-americano. Sob o ponto-de-vista do espetáculo Isto é Cinerama resente-se de maior elaboração, dando a ideia de ter sido realizado às pressas para provar as possibilidades do sistema. De qualquer forma é algo de novo, impressionando quando o movimento é explorado, especialmente, na sequência inicial da «montanha russa». A viagem através dos Estados Unidos, se bem que grandiosa, fatiga um pouco pela extensão.

Porém, todos sabemos que os pioneiros das técnicas novas sempre se deixam levar pelos efeitos mais fáceis e só o tempo dá a maturidade necessária ao uso funcional dos novos recursos estéticos. O primeiro filme soviético em Kinopanorama, Vasto é meu País, se bem que mais alinhado, apresenta defeitos idênticos à película Isto é Cinerama. Sabemos, porém, a notável evolução da cinematografia, na conquista de uma nova dimensão, e aguardemos novos passos no seu aproveitamento estético, tarefa difícil, mas não impossível. Enquanto isso, o Cinerama é uma espécie de «tapete mágico» que nos leva através de mundo numa série de visões grandiosas de nações vastas como os Estados Unidos e a URSS.



Neste diagrama vemos os principais instrumentos da estação automática interplanetária (Lunik III) com que os soviéticos fotografaram a face oculta da Lua. Os números indicam: 1) iluminador para as câmaras; 2) motor para a orientação do sistema; 3) monitor solar; 4) seção da bateria solar; 5) obturadores do sistema termo-regulador; 6) anteparos térmicos; 7) antenas; 8) dispositivos para pesquisas científicas

Quais São As Revelações Do Lunik III?

Lucien Barnier

O LUNIK III — Posição da estação automática interplanetária soviética ao fotografar a face desconhecida da Lua. As flechas à direita mostram a direção dos raios solares.

(Agência Tass)

Que revela a fotografia da face desconhecida da Lua?

Essa fotografia põe ponto final a uma longa controvérsia a respeito do hemisfério posterior de nosso satélite natural. Astrônomos acreditavam que a relativa leveza da Lua, cuja densidade é inferior à da Terra, se explicaria pelo fato de que esse hemisfério invisível era, na realidade, óco.

Nada disso é certo e o reverso da Lua se assemelha a seu verso, isto é, ao hemisfério que vemos, o que não quer dizer, porém, que já sabemos tudo a respeito desse satélite. Mesmo na parte voltada para nossos poderosos telescópios ainda há um certo número de enigmas, e enigmas capitais.

Até 4 de novembro de 1958, por exemplo, acreditava-se não haver mais qualquer atividade vulcânica na Lua. Nesse dia, porém, às quatro horas da madrugada, o cientista soviético Nicolas Kozrev percebeu uma erupção vulcânica que agitava a estrutura geológica da cratera Alphonse.

Verificamos que a fotografia registrada e transmitida pelo Lunik III torna precisa, de maneira fundamental, a silhueta da Lua. Falta ainda, porém, investigar as dezenas de milhares de detalhes geográficos do solo lunar, que interessam sobremaneira à astronáutica.

A Lua é, como a Terra, um astro homogêneo, mesmo se houver diferenças entre seus dois hemisférios. Pode-se afirmar que a Terra seja paradoxalmente ordenada, a pretexto de que a maior parte das terras emersas estão no hemisfério norte, quando o hemisfério sul assinala uma clara predominância do elemento oceânico?

COMO SE CONSEQUIRAM OS CLICHÊS?

Realmente, é a questão que me parece a mais apaixonante. Acostumei-me, como todo o mundo, às proezas dos foguetes e não mais duvido do gênio e nem das audácias da

astronáutica. No entanto, estabilizar um laboratório que desliza no espaço paralelamente à Lua, e que sabe ajustar sua objetiva e suas câmaras; tornar esse laboratório "inteligente", a ponto de lhe ser confiada a missão de fotografar e revelar o filme; depois pedir-lhe guardar a documentação até o momento em que o homem solicite sua transmissão pelas ondas... é realmente extraordinário e alucinante! No entanto, todas

essas operações foram realizadas, e bem. Vemos hoje seu resultado.

Temos à base desse feito em dois tempos — fotografar e transmitir as fotografias — a incontestável mestria dos cientistas e técnicos soviéticos em matéria eletrônica. Ouvimos muitas fábulas sobre a pretensa incapacidade dos soviéticos em "reduzir à miniatura" os aparelhos eletrônicos: os cétricos devem, agora, admitir seu erro.

As fotografias foram feitas por câmaras instaladas no laboratório espacial. Um dispositivo eletrônico garantiu todos os elementos próprios a permitir a tomada de vistas: estabilização, regulação, focalização, etc. Não sabemos se esse dispositivo decidiu por si mesmo ou executou ordens transmitidas da Terra. É pouco verossímil, porém, que o homem, colgado a 470 mil quilômetros de distância, tenha orientado seus movimentos

com extrema precisão. Grande parte coube, portanto, à iniciativa da estação interplanetária automática.

COMO SE TRANSMITIRAM AS FOTOGRAFIAS?

Essa operação é mais fácil do que o ato de fotografar. Na tarde de 18 de outubro — 11 dias após a tomada de vistas — o Lunik III voltava à Terra. As 17,50 (hora de Pa-

ris) sua distância de nós era de 40 mil quilômetros. Foi, então, que sinais especiais emitidos da Terra, destravaram o emissor de telefoto instalado no Lunik III. Esse emissor estava ligado a um "leitor" eletrônico que interpretava o filme e convertia os diferentes matizes das fotos em sinais elétricos de intensidade e amplitude variáveis. Isso, porém, ocorre diariamente nas emissões de televisão ou de heliogramas. A

inovação é a total automatização dessas operações complexas, a bordo do satélite soviético.

QUE INTERESSE CIENTIFICO APRESENTA A PROEZA?

O que foi feito em relação à Lua pode ser-lo quanto a Venus, Marte e Mercúrio, e o será brevemente quanto a Júpiter. A astronomia, incumbida, antes de tudo, de preparar os itinerários teóricos da astronáutica, vê surgir uma nova técnica absolutamente revolucionária. Libertada dos grilhões e obstáculos propriamente terrenos, a astronomia pode instalar, em qualquer ponto do espaço, seus instrumentos de observação. Estará brevemente em condições de enviar câmaras perto de Marte, e de esclarecer, portanto, o irritante enigma dos canais e dos satélites marcianos Fobos e Deimos.

Com efeito, o interesse científico desse feito é principalmente, o de haver posto à prova a técnica de estabilização dos foguetes cósmicos, que se tornam, assim, naves controláveis, capazes de transportar passageiros humanos.

É, também, o de oferecer à ciência meios rápidos de colher informações indispensáveis para a realização da aventura cósmica de foguetes com passageiros no percurso Terra-astros abordáveis do sistema solar. Por astros abordáveis subentende-se não só a Lua, Venus e Marte, mas também grandes asteróides como os que gravitam entre Marte e Júpiter.

ESSA REALIZAÇÃO TECNICA APROXIMOU O MOMENTO EM QUE O HOMEM VIAJARÁ PEL COSMOS?

É claro que todas as etapas da astronáutica se sucedem a um ritmo progressivo. A proeza do Lunik III é, porém, um salto que ultrapassa o caráter habitual dos avanços ocorridos a partir de 4 de outubro de 1957. Somos agora testemunhas de uma experiência perfeita que anuncia, para breve, o voo do homem pelo espaço cósmico.



O QUE O POVO LUCROU NO "CASO" DA CARNE

Teoria e prática

A CONTRADIÇÃO PRINCIPAL

Resposta ao leitor Antônio Albuquerque de Oliveira (São Caetano — São Paulo)

Pergunta o leitor por que se afirma, no documento recentemente publicado neste jornal — «O movimento operário e a política sindical dos comunistas» — que a contradição entre o proletariado e a burguesia não exige uma solução radical na etapa atual.

A afirmação a que se refere o leitor foi formulada pela primeira vez na Declaração Política dos comunistas, de março de 1958, constituindo uma das teses essenciais da política da vanguarda do proletariado brasileiro.

A contradição que exige solução radical e imediata é aquela que, em cada etapa do desenvolvimento, predomina sobre as demais. É a contradição que, mais do que as outras, freia o avanço das forças produtivas da sociedade, determinando o atraso do país e as péssimas condições de vida das grandes massas. Essa contradição — a contradição principal — é que define o caráter da revolução em cada etapa do desenvolvimento social e a política correspondente.

Na presente etapa de desenvolvimento da sociedade brasileira, as causas profundas do atraso do país e da miséria de nosso povo residem, antes de tudo, na exploração do imperialismo norte-americano, cujos agentes no país constituem os grupos entreguistas. A dominação de numerosos setores básicos de nossa economia pelos monopólios norte-americanos e sua penetração no aparelho do Estado e no Governo representam os entraves decisivos, na fase atual, ao progresso independente do Brasil e à elevação do nível de vida das massas. As forças revolucionárias, progressistas e democráticas têm, por isso, no imperialismo norte-americano e nos entreguistas que o apoiam, o alvo principal de sua luta. A revolução brasileira é, em sua presente etapa, uma revolução antiimperialista. É ao mesmo tempo, antifeudal devido a que o monopólio da terra e as relações de produção pré-capitalistas no campo constituem uma força retrógrada, em que se apoiam os imperialistas norte-americanos.

Nessa etapa, o desenvolvimento capitalista independente corresponde aos interesses do proletariado e de todo o povo. A burguesia interessada no progresso do país tem um papel na revolução antiimperialista e antifeudal. É um dos elementos da frente única.

Admitir-se, ao contrário, que a contradição entre a burguesia e o proletariado exige uma solução radical imediata na atual etapa seria considerar-se essa contradição como a principal e, daí, concluir-se que a revolução brasileira é, presentemente, uma revolução socialista, que exclui a "frente única nacionalista e democrática e tem como alvo de seu golpe principal não o imperialismo e seus agentes internos, mas a burguesia. É evidente que tal concepção se afasta por completo da realidade concreta do país e só poderia conduzir o proletariado e as demais forças progressistas a incorrer nos mais graves erros.

Isto não significa, entretanto, que deixe de existir, hoje, a contradição entre o proletariado e a burguesia em nosso país. Nem, de modo algum, que o proletariado, pelo fato de não ser esta a contradição principal na etapa atual, deixe de lutar com toda energia pelos seus interesses específicos de classe, contra a exploração, pelos seus direitos e pela conquista de melhores condições de vida. A classe operária não pode cruzar os braços diante de seus exploradores. E os comunistas, como vanguarda do proletariado, cabe desempenhar não uma função apaziguadora, mas colocar-se decididamente à frente da luta pelas reivindicações vitais dos operários, dos camponeses e das massas trabalhadoras, embora tais reivindicações não recebam o apoio dos setores da burguesia que participam no movimento nacionalista.

Dessa maneira — lutando por suas próprias reivindicações — a classe operária não só estará defendendo seus interesses particulares de classe, mas ao mesmo tempo estará contribuindo para fortalecer a própria frente única antiimperialista, uma vez que esta será tanto mais sólida e consequente quanto mais firme for a participação que nela tenha o proletariado. E, como é claro, a força do proletariado depende, antes de tudo, de sua crescente unidade e organização, alcançadas precisamente no curso das lutas por seus direitos e interesses.

Rui Facó

governo será, mais uma vez, uma solução contra os interesses do povo: o aumento do preço da carne e a multiplicação dos já enormes lucros dos frigoríficos estrangeiros.

Mas nesta pendência o povo brasileiro tem um grande haver a seu favor: o aumento da consciência do que representam os trusts estrangeiros em nossa vida econômica e política e da necessidade de eliminá-los como um sério obstáculo ao nosso progresso e ao bem-estar do povo.

trangeiros e da debilidade do governo ao tentar enfrentá-los.

A atitude corajosa do general Ururai Magalhães, fruto da honradez pessoal de um homem que não se deixou corromper. Mas é fruto sobretudo do crescente estado de espírito entre o povo contra o domínio de nossa economia pelo capital estrangeiro. A firme posição do general Ururai traz a consciência e o ânimo de luta do povo brasileiro contra a deslavada ingerência estrangeira em

nessos assuntos internos e contra a capitulação covarde em face às suas pressões de caráter econômico e político.

E' interessante observar como certos jornais que atacam sistematicamente o sr. Juscelino Kubitschek, no caso da carne passaram a atacar o general Ururai Magalhães e a dar cobertura às medidas de JK por uma compencha com os frigoríficos. Aplaudiram a pressão de Juscelino para derrubar o general.

A solução a ser dada pelo

A "LANTERNA" TEM CANDIDATO: JÂNIO

(Conclusão da 3.ª Página) 11 de novembro? O aparte deu lugar a que o líder da Lanterna reafirmasse que Jânio, naquele instante em que as forças patrióticas e democráticas se uniam para impedir o golpe preparado pela Embaixada dos Estados Unidos, estava, no governo de S. Paulo, ao lado dos golpistas contra o movimento em defesa da soberania nacional a cuja frente se colocara o marechal Teixeira Lott.

AO LADO DO F.M.I.

No relatório que apresentou à Convenção, o presidente da UDN, sr. Magalhães Pinto, depois de historiar os entendimentos havidos com Jânio, lembrou os pontos programáticos submetidos à definição do ex-governador de S. Paulo. Entre esses pontos — que mereceram total aprovação de Jânio — um dos mais importantes é o que se refere à realização de uma reforma cambial, que constitui, como se sabe, uma das exigências básicas feitas ao Governo brasileiro pelo Fundo Monetário Internacional, visando paralisar o nosso desenvolvimento econômico e aumentar a nossa dependência em relação aos monopólios norte-americanos.

Jânio Quadros — lembrava assim o sr. Magalhães Pinto em seu relatório — mantém-se firme ao lado dos imperialistas, está com o FMI e contra o desenvolvimento independente do Brasil.

"CREIO NA LIVRE EMPRESA"

E para que não houvesse qualquer dúvida quanto ao caráter reacionário e antinacionalista de sua candidatura, o próprio Jânio Quadros, falando no encerramento da Convenção, afirmou com toda clareza: "Creio na livre empresa". Ser propagandista da chamada "livre empresa", quando os verdadeiros patriotas se convencem por fatos dos próprios fatos, da necessidade de passar para o mo-

nopólio do Estado uma série de setores básicos de nossa economia, é simplesmente defender os interesses e privilégios das grandes empresas imperialistas, particularmente as norte-americanas. Defender a "livre empresa", nos termos em que faz Jânio, é achar, por exemplo, que a carne deve continuar nas mãos dos frigoríficos estrangeiros, para que possam aumentar cada vez mais os seus lucros, enquanto o povo não encontra esse gênero indispensável à sua alimentação. Isto é o que significa a "livre empresa" de Jânio: defesa dos trusts estrangeiros, tração aos interesses do Brasil.

DISCURSO DE CARTOLA

O discurso de Jânio na Convenção udenista, é, além, todo ele, um modelo de formalismo. Em nada se distingue do que dizem os mais velhos fósseis da UDN, como Raul Fernandes, ou os mais

Greve e Previdência no Senado

O senador Caiado de Castro deverá apresentar, ainda nesta semana, o seu substitutivo ao projeto de regulamentação do direito de greve, atualmente na Comissão de Legislação Social. Por outro lado, o senador Dix-Huit Rosado Maia, da Comissão de Finanças, está examinando o projeto da Lei Orgânica da Previdência Social e pretende, segundo afirmou, apresentar algumas emendas ao trabalho de outras Comissões.

A TRADIÇÃO DA U.D.N.

Os candidatos até agora apresentados pela U.D.N. à Presidência da República mantêm-se fiéis à mesma linha entreguista e antidemocrática:

EDUARDO GOMES — «Não aceito votos de marmiteiros».

JUAREZ TAVORA — «O petróleo brasileiro deve ser explorado pela Standard Oil».

JÂNIO QUÁDROS — «Rockefeller, conhece bem os nossos problemas. É um grande amigo do Brasil».

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO XXXVIII

O TRADE-UNIONISMO CRIA RAIZES NOS ESTADOS UNIDOS

No mesmo ano de 1869, em que se fundou, como vimos, a Seção norte-americana da I Internacional — era criada na cidade de Filadélfia, pelo alfaiate franco-americano Stevens, a *Ordem Nobre dos Cavaleiros do Trabalho*. Tratava-se de uma organização ilegal, moldada em rituais do tipo dos da maçonaria: cerimônias misteriosas de ingresso dos membros, juramento de manter segredo feito sobre a bíblia etc. Era uma forma primitiva, ingênua, de pretender enfrentar a violência burguesa. Durante vários anos os Cavaleiros do Trabalho não foram mais do que uma centena de homens a realizar alguma atividade clandestina de caráter reformista no seio do movimento operário norte-americano. Em 1878, afinal, a *Ordem* passou à legalidade, unido desde então principalmente a operários não qualificados. Dela passaram a fazer parte também granjeiros, artesãos e pequeno-burgueses. Stevens foi substituído, como Orlo-Mestre da Ordem, pelo operário mecânico,

católico praticante, Porder. Era um agente da burguesia, um provocador. Em sua segunda fase legal, a *Ordem* continuou mantendo o mesmo caráter reformista de antes. Negava a luta política, pregava a co. bonança de classes, seu programa apontava como saída única para melhorar a situação dos trabalhadores o envolvimento em atividades operativas. Apesar de isso, a *Ordem* teve um papel positivo na luta dos trabalhadores da classe operária norte-americana. Foi graças a essa circunstância que chegou a contar, em 1886, com 700.000 membros. Nesse ano, realizando-se aos Cavaleiros do Trabalho suas cartas a Sorge, Engels dizia que "um dos seus lados mais piores é a substância política". Mas, ao mesmo tempo, reconhecia o seu aspecto útil, ao afirmar que "um dos primeiros passos de maior importância de qualquer país — recém-ingressado no movimento — deve ser a organização de um partido operário independente, seja qual for o caminho pelo qual

isso seja conseguido, desde que se trate de um partido efetivamente operário". Em 1876 surgiu nos Estados Unidos o *Partido Operário Socialista da América*, através da fusão das Seções norte-americanas então existentes da Internacional (nessa mesma ano dissolvida) e de vários grupos socialistas. A maioria dos membros do novo partido eram imigrantes, sobretudo alemães, destacando-se entre eles Frederico Alberto Sorge (1828-1906), o amigo de Max e Engels que já conhecemos, participante também em 1848 na Revolução de 1848 na Alemanha. Sorge ficara à frente do Conselho Geral da Internacional, depois da sua transferência para a América, e teve papel importante na fundação do Partido Operário Socialista. Este foi desde a origem uma organização de caráter setário, jamais conseguindo estabelecer amplos laços com as massas proletárias dos Estados Unidos.

Com o desenvolvimento acelerado do capitalismo e a complicação, que daí decorria, dos problemas do proletariado, sempre mais numeroso, a *Ordem dos Cavaleiros do Trabalho*, dado o seu mesquinho e horizontal programa e o seu caráter medievalesco, começou a mostrar-se crescentemente incapaz de atrair para suas fileiras os trabalhadores. Isso foi bem compreendido pelo operário cigareteiro inglês Samuel Gompers, que emigrou para os Estados Unidos bem impregnado do manho oportunista trade-unionista britânico. Foi assim que, em 1881, Gompers fundou, na cidade de Pittsburgh, a *Federação Nacional dos Sindicatos dos Estados Unidos*, central sindical reformista que, a partir de 1886, passou a chamar-se *Federação Americana*

do Trabalho (*American Federation of Labor, AFL*). Em seu programa inicial, — pano de amostra bem fiel do que seria a perniciosa atuação dessa entidade nas fileiras do proletariado norte-americano, — dizia-se que o objetivo da Federação era "lograr que o trabalho e os meios de existência sejam menos precários, assegurando aos operários uma parte equitativa dos frutos do seu trabalho". Ou seja, exprimindo com palavras claras e diretas precisamente o mesmo conteúdo: manter o capitalismo intacto...

Desde o surgimento da AFL, sua direção, — à cuja frente durante mais de 40 anos esteve Gompers, ao morrer, em 1924, quando morreu, — manteve e desenvolveu a organização sindical à base do princípio profissional, princípio que, ao dividir por especialidade de ofício os trabalhadores de cada empresa, pulveriza as forças da classe operária, — como pulverizou até hoje grande parte do proletariado norte-americano, dificultando e enfraquecendo a sua luta contra o capital. Outra consequência desagregadora dessa forma de organização é que, por definição, tende a abranger somente os operários qualificados, e, mais ainda, aos não qualificados, consequentemente sindicalizar-se. Particularidade interessante a assinalar na AFL é que desde a sua origem agrupou principalmente os operários de indústria leve, estruturados atualmente em uns 100 diferentes sindicatos que totalizam mais ou menos 11 milhões de operários e empregados. Por incrível que pareça, setores proletários fundamentais da indústria pesada, tais como os operários do aço, da eletricidade, automóveis, etc., até 1936 não pos-

siam sindicatos... Os líderes da AFL sempre se opuseram ao desenvolvimento da luta grevista, à elevação do nível dessa forma de luta. No parágrafo 9 do art. 3 dos seus Estatutos, diz-se: "Não há lugar para a política partidária nos sindicatos da Federação". É a formulação burguesa, clássica (aliás bem conhecida no Brasil...) da teoria antioperária da "neutralidade política" dos sindicatos, por trás da qual estes são coagidos a manter-se dentro da política burguesa, a funcionar como colaboradores ativos dessa política. A bem da verdade deve-se reconhecer que não há país no mundo em que, como nos Estados Unidos, essa teoria tenha pôsto à mostra com tanta evidência o seu verdadeiro conteúdo de classe: os dirigentes da AFL ou pertencem ao Partido Democrático ou ao Republicano, quando não são, se não são ao mesmo tempo, da Ku-Klux-Klan, da Legião Americana, ou de outras tantas organizações reacionárias, fascistas e parafascistas. Nessa ques-

idade desenvolvem notável atividade política ("tarefismo notável", como disse Lênin de Gompers)... em prol, é claro, dos interesses da grande burguesia monopolista, já que...

ERRATA
O capítulo anterior destas notas foi prejudicado por alguns erros tipográficos para os quais pedimos a atenção do leitor na última linha da 2a. coluna há uma vírgula a mais; na 1a. linha da 3a. coluna há também uma vírgula a mais; na antepenúltima linha dessa mesma coluna, em lugar de milhões saiu milhares; na 2da. linha da 4a. coluna, em lugar de escravistas está escravagistas; na 5a. linha, de baixo permitam em vez de permitiram; na 2da. linha, de baixo para cima, da 6a. coluna, saiu era em vez de eram; na penúltima linha dessa mesma coluna aparece formado, em vez de formada; na 17a. linha da última coluna, está organizado em vez de organizado.

Relações Com a URSS

EXISTINDO BOA VONTADE NÃO HAVERÁ OBSTÁCULOS

Quase não há mais sentido em perguntar-se ainda se há interesse, para o Brasil, num acordo comercial com a União Soviética, e qual o tipo de acordo possível entre os dois países, desde que foi assinado, em 27 de outubro de 58, o ajuste entre os governos da URSS e da Argentina. Pela proximidade geográfica e política, entre o nosso país e a Argentina, e pela semelhança da pauta de exportações e importações dos dois países vizinhos, o acordo entre soviéticos e argentinos pode ser tido, a todos os títulos, como modelo mínimo do que podem contratar entre si o Brasil e a URSS. Por outro lado, o modelo mais representativo daquilo que advertimos, em nossa primeira reportagem desta série: de que um simples acordo, seja ele o mais vantajoso e mais vultoso possível, permanecerá letra morta, e poderá ser mesmo prejudicial ao desenvolvimento do país, se não for escorado por um governo disposto a cumprir-lo.

EXEMPLO ARGENTINO

Em 27 de outubro do ano passado o Chefe de uma numerosa Delegação diplomática argentina, Sr. José Liceaga, assinou em Moscou, com o Governo sovié-

tico, o que pode sem dúvida ser considerado o mais vantajoso acordo comercial jamais assinado pelo país vizinho. Enquanto os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra, pressionados pelo truste internacional do petróleo, se negam a fornecer petróleo e equipamento petrolífero para empresas estatais, a não ser com pagamento à vista e em moeda «forte» (dólar e libra), a URSS contratou com a Argentina o fornecimento daqueles produtos, destinados ao monopólio estatal Yacimientos Petrolíferos num valor equivalente a 400 milhões de rublos (100 milhões de dólares), a ser pago num prazo de sete anos, em mercadorias de que dispõe a Argentina, para exportação. Enquanto os países capitalistas cobram taxas de juros nunca inferiores a 4%, para os empréstimos e financiamentos que concedem — mesmo uma instituição supostamente filantrópica como o Banco Mundial cobra juros, em regra, de 5% — o acordo soviético-argentino fixou a taxa de 2,5% para juros do empréstimo.

Eis as vantagens que nenhum país capitalista permite, e que ao Brasil, tanto quanto à Argentina, inter-

ressam. É sabida a dificuldade que atravessa a Petrobrás para adquirir na Europa Ocidental e nos Estados Unidos os equipamentos de que necessita, pois estes, quando lhe são fornecidos, o são com a exigência de pagamento a curto prazo, a juros altos, ou à vista, e em dólar. Também as importações brasileiras de petróleo e derivados, atualmente — com exceção de uma única e pequena operação com a URSS, no valor de 900 mil dólares, em que nosso país adquiriu petróleo bruto pagando-o com cacau — são realizadas com pagamento à vista e em moeda norte-americana, o que resulta num sacrifício do balanço de pagamentos do país, onerado em um mínimo de US\$ 250 milhões anualmente, ou seja, mais da metade da receita em dólar de todas as exportações brasileiras.

Mas, já o dissemos, o acordo argentino também é exemplo provando que um acordo não basta. Com efeito, enquanto assinava o acordo em Moscou, o Governo argentino se empregava em liquidar a empresa à qual o acordo visava beneficiar, a YPF, e entregava ao imperialismo norte-americano a exploração do petróleo no país. O magazine «Time», conhecido

RENATO ARENA

agrade ao, chegou a escrever, na época, que o acordo assinado com a URSS pelo Governo de Frondizi era interessante para os Estados Unidos, porque servia para «acalmar» os nacionalistas argentinos, irritados com a entrega do petróleo.

EXEMPLOS POSITIVOS

Há, entretanto, numerosos exemplos de outros países que assinaram com a URSS acordos semelhantes, e retiram deles consideráveis benefícios. Em particular, os chamados países subdesenvolvidos — que ainda lutam para libertar-se do imperialismo — têm usufruído daquelas excepcionais condições estipuladas no acordo URSS-Argentina, que são a regra para os acordos comerciais dos soviéticos e, em geral, dos países socialistas. Eis alguns exemplos, citados pelo «Comitee for Economic Development» norte-americano, da crescente participação socialista, sobretudo soviética, nas exportações e importações de alguns países ainda em luta com o imperialismo:

	Exportação		Importação	
	%	%	%	%
	1948	1956	1948	1956
Ceílão	0,2	10,6	0,4	8,7
Birmânia	5,9	14,3	3,1	18,9
Irã	1,2	16,7	3,5	10,0 (1)
Turquia	9,5	19,7	8,7	14,6
Egito	12,1	36,9	8,9	14,4

(1) — Aos «penabotistas», que argumentam

com o suposto «instrumento de dominação vermelha», que seria o comércio com a URSS é bom observar este exemplo da Turquia e do Irã, países enfeudados à diplomacia do Departamento de Estado ianque.

Desde 1956, especialmente com a República Árabe Unida, da qual passou a fazer parte o Egito — e que recebeu empréstimos da URSS num valor superior a 500 milhões de dólares — e com o Ceílão, essas percentagens de um modo geral cresceram, enquanto apareceram outros países, como a Índia, a Indonésia e o Iraque, em que se fizeram grandes. E todos estes países compram da URSS

1958, importou 9 milhões de barris de petróleo soviético; a França recebeu 7 milhões e a República Árabe Unida, 2 milhões, no mesmo ano. No total, os países capitalistas receberam, em 58, 90 milhões de barris de petróleo soviético.

Um relatório recentemente divulgado do «Central Intelligence Agency» do Governo norte-americano assinado pelo sr. Allen Dulles, afirmou em tom de alarma: «Os soviéticos poderão exportar, em 1972, dois milhões de barris de petróleo por dia. Hoje, toda a Europa Ocidental consome mais ou menos três milhões de barris de petróleo por dia. No dia 8 de fevereiro passado, o «New York Times», da mesma linha Eosso do magazine «Time», gritou, em sua principal «manchette»: «O petróleo vermelho ameaça os mercados mundiais».

BOA VONTADE OFICIAL

Essa preocupação do imperialismo norte-americano

no com a perda dos seus «quintais» também se justifica em relação ao Brasil, cujo comércio com os países socialistas, embora ainda não ultrapasse 3% do total das importações e exportações, tem crescido firmemente, nos últimos anos. O acordo com a URSS, agora oficialmente previsto, poderá resultar num grande salto daquela percentagem.

De um modo geral, todos os produtos industriais de que necessitamos nos podem ser fornecidos pela URSS, a qual, por seu lado pode comprar aqui alguns dos produtos que procura adquirir na Argentina — óleos vegetais, couros, carnes — além de estar grandemente interessada na compra de café e cacau. A existência, no Brasil, para exportação, destes 2 últimos produtos que a Argentina não possui, justifica plenamente a declaração atribuída a Kruschiov pelo Diretor do jornal «Diário de Notícias», de que o vulto do

acordo soviético com o Brasil poderia ser várias vezes maior que o do ajuste assinado com a Argentina.

Para que este salto se realize, entretanto, será preciso uma política oficial, sobretudo na questão de câmbio, que o permita. Atualmente — sem falar na pressão imperialista para que o Governo adote o sistema do «câmbio livre» no comércio exterior, que é mortal para o comércio com os países socialistas — muitas dificuldades são impostas pela SUMOC ao comércio com a Polónia, a Tchecoslováquia e os demais países socialistas, o que tem entravado o desenvolvimento deste comércio. Para que o país possa realmente libertar-se do monopólio exercido sobre o nosso comércio exterior pelos E.U.A. e desenvolver plenamente as suas relações com o mundo socialista, caberá ao movimento nacionalista impor ao Governo a remoção de tais dificuldades.

OURO PARA O ANTICOMUNISMO

«Caixinha» do CONCLAP (Conselho das Classes Produtoras) para difundir as «teses» de Mr. Cabot

A comissão de 50 membros, que o Conselho das Classes Produtoras «CONCLAP» está organizando para combater o comunismo e o estatismo, vai utilizar a divulgação em grande escala para orientar a opinião pública sobre a infiltração vermelha e a crescente penetração do Estado na economia. Vai ser feito um «pool» publicitário para fazer face a essas despesas.

Esta informação foi impressa há algumas semanas atrás por uma publicação geralmente bem informada, sobretudo no que diz respeito a promoções de imperialismo no Brasil, por estar intimamente ligada ao trust das empresas de publicidade norte-americanas que aqui operam, a revista «PI» («Publicidade & Negócios») Publicada no órgão destinado à orientação dos publicitários sobre as «tendências do mercado», a informação tinha um claro significado: era uma advertência de que a indústria do anticomunismo, que já viveu dias melhores, iria entrar em novo «boom»: na bolsa de valores publicitários, a cotação de uma denúncia bem articulada, ou de uma colônia verossímil, iria ser de molde a pôr em festa toda a imprensa sadia.

É sabido, aliás, que o grupo mais anticomunista e reacionário da burguesia brasileira — Rui Gomes de Almeida, Luiz Cabral de Menezes, Jorge Bhering de Matos — ao organizar no já famoso «CONCLAP», o fazia por não conseguir, nas associações de classes existentes, a adoção de uma política abertamente favorável aos objetivos do imperialismo norte-americano em nosso país. Tal fato foi mesmo espetacularmente confirmado, nos últimos dias, quando o Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Sr. Lúcio Luanardi, se apressou em protestar pela imprensa contra o teor das denúncias do Sr. Bhering de Matos, que «O Globo», se lançou com astardelhaço numa campanha de atomização do Governo na ra que este decretou o fechamento do ISEB.

A informação de «PN», entretanto, vem sendo confirmada na prática. O mesmo Sr. Bhering de Matos que é Vice-Presidente do CONCLAP a confessou publicamente, embora de maneira obtusa que os seus interesses estão sendo ferido pelo programa de esclarecimento nacionalista do ISEB, assinou há pouco um artigo no «Jornal do Comércio», proclamando os industriais e comerciantes a se unirem, no combate ao nacionalismo e ao comunismo. O artigo, escrito em tom la-

murto e desesperado, tem claramente o espírito de uma «campanha de finanças» em benefício do mencionado «pool» publicitário dos conlapsistas. Os elementos da burguesia que se negam a dar dinheiro para o CONCLAP — e, pelo visto, a grande maioria da classe está negando — são amargamente acusados pelo Sr. Bhering de Matos de «abandono, apatia e mesmo covardia».

As repetidas declarações do Sr. Rui Gomes de Almeida, contra o restabelecimento de relações com a URSS, também se inscrevem nesta campanha. Para não falar da série de «pronunciamentos» do embaixador Cabot, cujos arremates são todos repetidos, quase copiados, pelos líderes do CONCLAP, o que é outra forma de demonstrar que o líder real do movimento não é outro senão o representante oficial do imperialismo norte-americano no país.

É óbvio que, a pretexto de combater o comunismo, o que na verdade pretende o movimento conlapsista é incluir — que cesse a influência nacionalista no Governo, esta influência que sempre resulta em obras prejudiciais ao imperialismo ianque, que criou e mantém a Petrobrás, que impede a exportação de minérios atômicos e outros meios de espoliação do povo brasileira embora não seja ainda bastante forte para impedir que muitos deles continuem a ser utilizados. Mesmo porque a burocracia nunca primou pela largueza de vistas, e só conseguiu organizar-se para combater as ameaças mais imediatas aos seus privilégios.

Mas, é interessante verificar que o único argumento positivo à disposição do CONCLAP para esta campanha é o dinheiro. A revista «PN», aliás, reconhece isto. Em seu editorial, ao mesmo tempo em que divulgava a notícia do «boom», a revista, naturalmente, se referia com ela. E argumenta: «Um «pool» com sua enorme precisão de marcha impressionante na exatidão com que cubra os cálculos dos cientistas, pode ter muitas utilidades. Mas, a maior delas é a de «contencimento» promocional. Um touete a Luz é como uma demonstração de vendedor. E a mercadoria chama-se, no caso comunismo». Desde, conclui a revista: «Precisa-se imediatamente de uma ideologia. É preciso pôr o capitalismo em termos dinâmicos, como uma promessa, não para os empresários, mas para o homem do povo, que só quer ou só pode ser assalariado».

do capitalismo é grande, mas já ao manifestar-se, mostra a sua impotência. O capitalismo é, por natureza, um regime de exploração e anarquia, e não pode ser posto em lugar algum, muito menos em campanhas publicitárias, por maior que seja o seu custo em ouro. Está claro, que, se dinheiro bastasse, os atradores de Cabo Canaveral não teriam ficado tão para trás...

O MILAGRE CHINÊS

Jamais, em toda a história do mundo, um país se desenvolveu tanto em tão pouco tempo como a República Popular da China, nos dez anos a partir da vitória da revolução popular, em 1949. O progresso da China chega a ser considerado um milagre.

São as razões desse «milagre» que o Presidente da República Popular da China, Liu Chaotai, esclarece no trabalho «O triunfo do marxismo-leninismo na China», publicado no n. 8 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, que já se acha à venda nas bancas e livrarias.

Muito outros artigos de maior interesse, assinados por destacados teóricos marxistas da atualidade, aparecem nesse número da revista, tais como o do ministro do Exterior da Polónia, Adam Rapacki sobre a coexistência pacífica.

Outra matéria de maior importância é o debate sobre o Mercado Comum Europeu, cuja publicação é iniciada nesse número da revista com as intervenções dos economistas, A. Arzumanian, da URSS, e O. Baumann, da Alemanha.

Adquirir, por 20 cruzeiros apenas o seu exemplar do n. 8 de

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

FAÇA A SUA ASSINATURA PARA 1960, DIRIGINDO-SE A RUA DA ASSEMBLEIA N. 24, SALA 304, RIO.

ROMANO MONTA DE NOVO...

(Conclusão da 3.ª Página)

dantis e populares, aparentemente recuou de sua posição. Entretanto, de volta ao Rio, imediatamente começou a tomar medidas no sentido da liberação da carne. Uma de suas primeiras medidas foi suspender a fiscalização nos açougues, permitindo que estes cobrem o preço que bem entenderem. Logo a seguir, libera o preço do boi em pé e permite a venda a domicílio. A liberação da carne será o próximo passo.

OCULTAR A VERDADE

O ponto delicado de toda a questão, entretanto, está em não permitir que venha a público a verdadeira situação dos frigoríficos. Por isso foi torpedeada a sub-comissão da COFAP que iria estudar o problema. É compreensível esta preocupação quando se sabe que os lucros da Anglo, em 1954, foram de 125% sobre o capital, e os da Wilson foram de 126%, em 1956. Que desculpa poderiam dar os frigoríficos, que vêm alegando dificuldades econômi-

cas, quando ficasse provado que conseguem lucros elevadíssimos na exportação e na venda de carne no Brasil?

Mais ainda, os lucros que essas companhias estrangeiras obtêm aqui e enviam para os Estados Unidos e a Inglaterra são conseguidos em grande parte com recursos arranjados no Brasil. A Wilson, por exemplo, entre 1953 e 1956 dobrou seu capital com o reinvestimento de parte dos lucros desses quatro anos. A Swift conseguiu aumentar de 50% seu capital vendendo ações a milhares de brasileiros que não têm a menor influência em sua direção e se limitam a receber alguns dividendos, enquanto os verdadeiros donos da empresa guardam a parte do leão dos lucros.

É para evitar que fatos como estes e outros ainda mais estorcedores sejam demonstrados pública e oficialmente, que os frigoríficos exigiram e obtiveram a saída do general Urrutia da presidência da COFAP, e a nomeação do sr. Romano, que se curvaria docilmente às suas exigências.

Estudantes Farão Greve Pelo Direito De Estudar

— Ou as bolsas serão pagas até o dia 15 de novembro ou não farão provas parciais — tal o ultimato apresentado pelos proprietários de colégios aos bolsistas do Ministério da Educação e que está determinando uma mobilização geral dos estudantes em defesa dos seus direitos.

JOGO DE EMPURRA

Segundo esclarecimentos que nos foram prestados no Ministério da Educação pelo prof. José Salvador Julianelli, já foi autorizada a verba pelo presidente da República e tudo agora está na dependência do Ministério da Fazenda. Nesta última reparição, o chefe do gabinete do ministro, sr. Antônio Carlos Barcelos, informou, por sua vez, que o processo do Ministério da Educação, solicitando a abertura do crédito de 50 milhões de cruzeiros para pagamento das bolsas dos secundaristas, teve sua tramitação demorada. E essa demora, segundo a mesma fonte, deveu-se ao fato de haver comunicado o ministro da Educação ao seu colega da Fazenda não estar em condições de oferecer uma determinada compensação.

PAGAMENTO OU GREVE

Sem qualquer responsabilidade no atraso do pagamento das bolsas, os estudantes estão na iminência de ser prejudicados, desde que ficariam impedidos de fazer as provas parciais. O secretário em exercício da União Brasileira de Estudantes Secundaristas, estudante Luiz de Marillac Toscano, declarou-nos, a respeito:

— Estamos no firme propósito de deflagrar uma greve nacional se até o dia 15 não forem pagas as bolsas que nos são devidas pelo MEC. Não se justifica esse jogo de empurra entre os ministros da Educação e da Fazenda. Inicialmente, reduziram a verba à metade — de 100 para 50 milhões de cruzeiros — e agora parece que nem esta quantia querem dar.

Adiantou-nos, ainda, o estudante Luiz Toscano, que o seu colega Clóvis Assunção Melo, secretário-geral da entidade dos secundaristas, já viajou para Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza e outras capitais do Norte para

preparar a greve, que se estenderá por todo o território nacional. Acrescentou que o movimento já tem o apoio dos líderes estudantescos de 17 Estados e tem também o apoio do universitário Paulo Totti, presidente em exercício da União Nacional dos Estudantes.

CONSTRUÇÃO DE GINÁSIOS GRATUITOS

Como se vê, o sistema de bolsas não funciona bem, apesar de todas as loas que lhe cantam os seus (interessados) defensores. É evidente que muito melhor emprego teriam essas dezenas de milhões de cruzeiros se com elas fossem criados ginásios gratuitos. A atual política seguida pelo Ministério da Educação não beneficia a este último, pois, como se vê, cada fim de ano verifica-se a mesma confusão na hora de pagar as bolsas. Tal não aconteceria se as verbas fossem destinadas às escolas oficiais, cujas despesas seriam incluídas no orçamento do Ministério.

A atual política também não beneficia o estudante, que poderá receber a bolsa num ano e não recebê-la no ano seguinte, ou porque foi reduzido o número de bolsas, ou porque a sua foi destinada a algum empistolado.

A atual política só beneficia, portanto, ao comerciante do ensino, ao dono do colégio, que todo ano vê aumentar a sua renda, com o dinheiro que falta ao ensino oficial.

Em palavras — embora lamentavelmente não em fatos — o presidente da República chega ao reconhecimento dessa situação. Na sua mensagem ao Congresso, disse, efetivamente, o sr. Juscelino Kubitschek: «No sistema vigente, o Fundo do Ensino Médio não tem alcançado as finalidades a que visava. Como se viu, os seus recursos se dispersam através de auxílios a estabelecimentos particulares de caráter lucrativo, sem que se exija destes a contraprestação de serviços ao público. Impõe-se o estabelecimento de critérios de prioridade na aplicação daqueles recursos, destinando-os sobretudo à construção de prédios, equipamento de escolas e preparo de professores, de modo a constituir-se uma rede nacional de educandários gratuitos de ensino médio».

Muito bem dito, como se vê. Mas, precisa ser feito, como o evidência uma vez mais a ameaça que ora paira sobre os estudantes.

COMBATENDO A LEI DE IRRIGAÇÃO

Os Latifundiários Querem Ser Donos Da Terra e Da Água

FORTALEZA (Correspondência de Arnibal Bonavides) 18 deputados estaduais do Ceará — representando os grandes proprietários rurais do Estado — tomaram um avião em Fortaleza e desembarcaram no Rio de Janeiro, instalando um "Q.G." no Hotel Serrador, a fim de continuar, em plena capital do país, a luta desesperada que vêm sustentando contra a aprovação do Projeto de Lei de Irrigação do Nordeste, que ora tramita na Câmara Federal.

Enquanto isso, 32 sindicatos de trabalhadores de Fortaleza, em memorável assembleia realizada na Associação dos Choferes levantaram o seu mais veemente protesto contra a sabotagem dos latifundiários e seus representantes no Parlamento, com o sentido de torpedear a iniciativa das primeiras transformações na paisagem agrícola da região. Na referida assembleia, os Sindicatos operários de Fortaleza resolveram assumir posição de defesa do Projeto de Lei de Irrigação, adotando, a respeito, três providências iniciais: 1) telegrafar ao Presidente da República, aos presidentes e líderes de bancadas na Câmara e Senado, aos candidatos à Presidência da República, e a outras autoridades, hipotecando o apoio dos trabalhadores cearenses ao Projeto; 2) Promover uma grande reunião operária, ampliada com a participação de representações de outras classes, para debater o Projeto; 3) enviar uma delegação sindical aos próximos Seminários do Curu e do Cariri.

Paralelamente à ação desenvolvida pelos trabalhadores, também os estudantes de Fortaleza decidiram denunciar os esforços das forças reacionárias da região, as quais desejam, a todo transe, impedir as medidas agrárias anunciadas no planejamento do CODENO. A primeira manifestação estudantil consistiu no lançamento de um manifesto ao povo.

Banabuiú. Não viera para falar, mas "para ver como haviam de se comportar os homens que mandaram para a Assembleia Legislativa do Estado". Com efeito, a mais de vinte deputados estaduais, os grandes proprietários confiam a tarefa inglória de tudo fazerem contra a aprovação do Projeto de Lei de Irrigação.

Infelizmente, o Governo do sr. Farelis Barroso, que antes quebrara lanças pela inclusão de medidas de reforma agrária na "Operação Nordeste", rendeu-se inteiramente à pressão exercida por parte dos latifundiários e de seus representantes na Assembleia Legislativa. E nos Seminários de Orós e Banabuiú foram exatamente os técnicos e economistas do Governo, precisamente os sr. F. Alves de Andrade e Loyola, os principais artífices das recomendações aprovadas. Em Banabuiú, o economista Loyola chegou a tecer considerações contra a própria "necessidade da irrigação", para tanto se valendo de um tecnicismo acadêmico e tendencioso.

Aliás, nos seminários, a ofensiva contra a Lei de Irrigação é desfechada, pelas forças reacionárias, com dois propósitos: primeiro, demonstrar que a lei está errada e é dirigida "contra os proprietários de terras do Ceará", enquanto os senhores rurais de outras regiões do país, e mesmo do Nordeste, nada vão sofrer; segundo, apresentar os camponeses em geral como uns "marginais e analfabetos" na expressão de um deputado possedista, coronel político na zona jaguaribana. Fazendo alarde da teoria de que o Projeto de Lei de Irrigação visa apenas "tomar as terras dos fazendeiros do Ceará" e de algumas faixas da Paraíba e do Rio Grande do Norte, os "seminaristas do latifúndio" aprovaram uma recomendação no sentido de que a desapropriação de terras seja estendida a todas as

regiões do país, e que isto passe a constar do atual projeto em curso no Parlamento. Com isto, está claro, os grandes proprietários rurais do Ceará desejam apenas ampliar o campo dos que combatem a lei. A propósito, vale recordar aqui a cena final do Seminário do Banabuiú, presidido pelo Ministro de Aviação Almirante Amaral Peixoto. Diante do figurão da ala mais retrógrada do PSD nacional, os latifundiários e coronéis políticos sentiram-se à vontade para desfiar seu rosário de lamúrias. Então disseram que o projeto era uma injustiça, que as terras dos agudes não podiam sair de suas mãos, que se tratava de uma odiosa discriminação contra os proprietários de uma região do país, etc. E foi sob o calor de tão estranhas cavilações que o Almirante, refletindo o suprassumo do reacionarismo que lhe circula nas veias, pronunciou esta frase, verdadeiramente calma para os latifundiários: — "você tem toda razão para não querer servir de cobaia da reforma agrária". Era um Ministro da República se manifestando publicamente, com o peso de sua autoridade governamental, contra o projeto que o próprio o Governo enviou ao Congresso... Era o chefe do bloco reacionário do PSD estimulando a resistência dos latifundiários ao Projeto de Lei de Irrigação do Nordeste. Na mesma ocasião, outro intérprete das forças reacionárias fazia sentir aos seus pares, sem rebucos, mas com espanto na fisionomia e temor pela abolição dos seus privilégios de classe num futuro breve, que se a lei de irrigação for posta em prática (desapropriação, colonização, florecimento de um mercado interno), acontecerá o seguinte: "os caboclos deixarão de ser isto que são presentemente; eles terminarão por conquistar independência financeira e política, e nós os perderemos como base eleitoral". Eis aí, em resumo, as razões profundas do assanhamento

em que se encontram os proprietários rurais do Nordeste, donos das terras dos futuros sistemas de irrigação. Não "querem ser cobaias da reforma agrária", "não querem que o caboclo conquiste sua independência econômica e política". E tão forte é a pressão dos fazendeiros sobre os deputados estaduais, que um destes, o sr. Edval Távora, que vem defendendo o Projeto, recebeu carta de um chefe de colégio eleitoral rompendo politicamente. Na sua missiva, o fazendeiro dizia-se decepcionado com o sr. Edval Távora e que não mais votaria nele.

Mas as forças reacionárias não estão com o trânsito livre nos próprios seminários que organizam. Já em Orós e em Banabuiú fizeram-se ouvir vozes progressistas, na defesa do Projeto de irrigação. Houve mesmo acesos debates, tanto nas comissões técnicas, como em sessões plenárias, e embora os proprietários rurais tivessem bastante maioria para fazer aprovar as suas "recomendações", entretanto não puderam evitar que as mesmas fossem suficientemente desmascaradas como tentativas retrógradas para impedir o progresso da região e a libertação da massa camponesa das condições de miséria e fome em que vegeta. Assim é que a delegação da Associação Brasileira dos Municípios (seção do Ceará), chefiada pelo professor Américo Barreira, os representantes do Sindicato de Engenheiros de Fortaleza e outros elementos sustentaram vigorosa argumentação, no terreno técnico e no político, destruindo toda a encenação capciosa dos adversários do Projeto.

E tudo faz crer que, nos próximos seminários (Curu e Cariri), este último a ser promovido pelo CODENO a participação dos elementos progressistas seja muito mais acentuada, pois, como registramos no início desta correspondência, os sindicatos operários e os diretórios está-

dantis de Fortaleza entraram na luta pela aprovação do Projeto do CODENO e pretendem comparecer às reuniões programadas para novembro. Também a Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará, patrocinadora da primeira reunião de trabalhadores para discutir a Lei de Irrigação, está organizando uma delegação camponesa, com "istas" aos mencionados seminários.

No momento, a luta contra a sabotagem dos latifundiários precisa intensificar-se, pois, como resultado da ação da delegação parlamentar cearense no Rio, novas manobras surgiram. Além da que propõe a extensão do projeto a todas as regiões do país, as forças reacionárias estão trabalhando com o fim de substituir o economista Celso Furtado, na direção do CODENO, pelo sr. Apolônio Sales, latifundiário da Zona da Mata pernambucana; e procuram separar o DNOCS do CODENO (emenda Argemiro de Figueiredo), a fim de podermos continuar a utilizar livremente as verbas federais contra as secas, nas suas orgias eleitorais.

MENINAS CHAMADAS SÔNIA

Vai fazer um ano (foi no último Natal) que desapareceu u'a menina chamada Sônia. Este ano ela não estará na fila do Maracanã, de onde foi raptada, para receber uma pobre boia de borracha ou um carrinho de roda quebrada. A polícia não ajudou a procurá-la. A mãe pediu. Implorou. Protestou. Tudo em vão. E em vão esperará hoje, no próximo Natal e no resto da vida a sua menina chamada Sônia. Na mesma ocasião, a polícia localizou, com presteza, o raptor de outra criança. Mas aquele era outro caso. O menino raptado não morava numa favela.

Foi também no ano passado que outra menina chamada Sônia roubou um pão. Feriu-se, gravemente, quando fugiu. Mas ganhou dezenas de bonecas, foi visitada pelo Presidente da República e sorriu para os fotógrafos, como se todas as crianças do mundo estivessem, daquela hora em diante, livres da necessidade de roubar um pão. A verdade é que não estão, porque, há poucos dias, morreu de fome u'a menina chamada Sônia. Morava numa favela da zona norte, num buraco, enterrado na lama, ali em Vigário Geral. Bem perto, em terreno da Cruzada São Sebastião, que recebeu tanta ajuda oficial, e cujo objetivo seria o de dar moradia higiênica aos favelados, está sendo construído, com a finalidade de altos lucros, para a proprietária e os seus concessionários, um mercado que vai abrigar os mesmos intermediários e exploradores do Mercado Municipal. Lá em baixo, nas chamadas «malocas», u'a menina morreu de fome. Quantas crianças sobreviverão até a inauguração do suntuoso mercado, construído em terreno doado pela Prefeitura à Cruzada São Sebastião? O terreno não deveria ter sido utilizado de acordo com os objetivos da Cruzada? Vão longe aqueles tempos em que D. Hélder ia salvar da miséria os favelados do Rio de Janeiro.

Um dia qualquer, vou contar à minha menina, que também se chama Sônia, essas histórias de outras Sônias deste Rio de Janeiro. E espero que ela só possa repeti-la como lembrança de um tempo passado, das coisas que lhe contei...

ANA MONTENEGRO

ELEGERAM CID E PELÓPIDAS AGORA VÃO ELEGER LOTT

Trabalhadores e funcionários homenagearam o prefeito de Recife

RECIFE (Correspondência de Nehemias de Araújo, para NOVOS RUMOS) — Os trabalhadores e funcionários do DAMM da Prefeitura homenagearam o prefeito Pelópidas Silveira, oferecendo-lhe um jantar no "Bar do Gregório", a que compareceram entre outros, os sr. Miguel Arraes de Alencar, prefeito eleito, maestro Mário Cândia, Paulo Cavalcanti, diretor do Departamento de Finanças, Ivanhoé Barracho, diretor do Departamento de Agricultura, Djaci Magalhães Florêncio, diretor do Abastecimento da Prefeitura, Lindalvo Farias, assessor técnico do prefeito junto ao CODENO, Agenor Cândido Duarte, presidente do Sindicato dos Músicos, Abdílio Silva, industrial de torrefação, além de diversos usuários dos mercados públicos do Recife.



Pelópidas discursa agradecendo

Vários oradores saudaram o prefeito. O trabalhador Gonçalo Alves Feltosa salientou o conteúdo democrático da sua administração, referindo-se ao desenvolvimento político de Pernambuco, que elegeu Cid Sampaio e Pelópidas Silveira. E acrescentou: "Agora vamos eleger o marechal Teixeira Lott para presidente da República". Suas palavras foram vivamente aplaudidas por todos os presentes.

SAUDAÇÃO

Falaram em seguida os trabalhadores Hildeberto Almeida e Milton Batista, ambos também muito aplaudidos, e por fim o dr. Ivanhoé Baracho, que destacou terminar Pelópidas Silveira seu mandato de prefeito cercado da admiração e da estima populares.

AGRADECIMENTO

Seu discurso foi aplaudido de pé. Ao se retirar após a homenagem, Pelópidas Silveira e Miguel Arraes foram demoradamente ovacionados.

CUNVERSA DI CAMPONÊIS

(Continuação)
(Bolação de Zé Távora, dedicada a Zé Praxedo o poeta vaqueiro)

I não qué abri escolas aqui fóra no sertão, só de vantade qui tem di mantê a iscrividão.

Sei qui há muinto cabêco qui num sabe o seu direito. Pru via disso num luta, pois acha tudo bem feito.

Purisso é que nós percisa pur tódo canto ispaia qui chéga di iscrividão i qui é tempo di luta.

— Tú tá falando bunito, intê parece um dotô, tu, qui é analfabeto, iguázinho cumu eu só.

Quem t'insino essas coisa? Adonde tu aprendeu qui pode sê deferente di cumu a gente naceu?

— O fi da Nôca, cumpadre, operário da cidade, mi dixu qui em nossas mão é qu'ista a filicidade, qui lá onde êle trabalhava tem um mundão de operário i qui fezero uma greve pulu aumento di salário.

Ele dixu qui pediru, qui pediru mais um póco, i qui o patrão nem ligô, feiz di conta qui era móco.

Eles antão resorvêro tódo trabáio pará i só voltá ôtra vez pois do patrão aumentô.

Todo mundo cruzô braço... — O trabáio então parô? — «Parô», — dixu o fi da Nôca, — «intê qui o home aumentô, i dixu mais: «Nas istranja já véve livre o possêro, já ninguém é mais iscravo prá trabalhá di melêro. A iscravidão lá prá fora faiz muinto qui se acabô. Nas istranja o qui se cóie é mérmô di quem prantô».

— Pode sê qui nas istranja havêsse revolução. Mais as terra no Brasi inda pretence u patrão.

— Ai é que tu t'ingana. Tu tá é pensando errado. A terra é di quem trabalhá i não di quarquê safado.

Inziste uma lei bem grande, uma tar Constituição, qui diz qui tem quarquê coisa contra a nossa iscravidão.

O govêrno compra a terra, adivide ela cá gente, dá tratô i dá arado, dá adubo i dá semente, abre iscola no sertão, põe água farta na roça, impresta dinhéro a gente, i a colêta é tóda nossa.

Pur essas coisa, cumpadre, é qui têmeo di lutá. Nós perciseimo se uni, pru módô a gente ajuda. — Ajudá? Ajudá quem? — Uns os ôtro se ajuda, fazendo a Associação qui a todos portegerá.

(Continúa)

GUARUJA

Cedido a Particulares o Único Jardim Público!

(Correspondência e foto de SEVERINO LUIZ DA SILVA)



O prefeito Domingos de Souza tenta, perante os vereadores, justificar seu ato absurdo. A seu lado o presidente da Câmara, sr. Aurélio Sário

GUARUJA — Este pitoresco município paulista, que durante todo o ano de 1959 foi projetado nas colunas dos jornais pelas agitações políticas, está novamente em evidência. Desta feita, é uma clamorosa transação a causa da efervescência política: o prefeito do município, sr. Domingos de Souza, que em breve passará o pósto ao prefeito eleito, sr. Jaime Daige, cedeu o jardim público para a construção de um hotel com três prédios, concessão feita a um grupo de magnatas proprietários do Grande Hotel Guarujá. Ceder um jardim público para um negócio particular já é absurdo, mas que se torna ainda maior levando-se em conta que o local cedido é o único desse tipo existente na sede do município.

Outro detalhe mostra também o caráter incrível do ato do sr. Domingos de Souza: uma parte da Avenida Marechal Deodoro, que chega até o edifício sobre as ondas, foi aberta durante a administração do atual prefeito, tendo custado muitos milhões de cruzetros, mas afinal construída em nome do embelezamento da cidade. Pois bem. Se for efetivada a concessão, a mencionada avenida fica totalmente fechada. Isto é, não haverá trânsito pela praia.

O fato está suscitando enérgica oposição por parte da população, mas o sr. Domingos de Souza tem no presidente da Câmara Municipal um prestimoso aliado, que ainda recentemente impediu — suspendendo a sessão — que o assunto fosse debatido publicamente, inclusive com a participação do prefeito eleito. E será a este que caberá decidir a questão, em última análise.

CARTA DO SERTÃO

ZE PRAXEDI — o poeta vaqueiro

Generá Texêra Lote, Essa carta é dum vaquêro Nacido lá no Nordeste No meio dos fazendêro.

Mecê vai sê Prsidente Vai governá o país. Deus primita, Generá. Que mecê possa torná Á nossa terra filiz.

Há cento e setenta ano Foi infoicado um minêro: O famoso Tiradente Amostrô ao mundo intêro Qui nós samos u'a raça De valentes brasilêro.

Foi procamada a República Vêi a nossa independença. Inimigos de tóda a parte Amostraro risistença. Porém num levavo nada Pós no gume da Ispada Faz médo nossa presença.

Foi perdido, Generá, Tudo quanto a gente fez. Nosso Brasi tá marchando Pru cativêro ôtra vez.

Fartá feião nessa terra E' fartá péxo no Má. E carne num se tem mais... Faz vregonha, Generá.

O cabôco brasilêro, No dia qui subê lê, Vai repará no passado Vê o pai sacrificado Fica sem sabê praquê.

No Nordeste tem um home Que se chama moradó. Vivem nas terra prantando Pra dá sustento ao doutô. O coroné fazendêro Martrata o trabalhadó.

E' o voto de sabresto: Inleitô do coroné, Num miã fora do caco, Só vota im quem êle qué Se sai fora da tria Perde trabá, moradia E tudo mais qui tivê.

Vamos vê nas inleição S'essa gente disgraçada. Qué o fraco da bassoura, Ou furtidão das Ispada.

"Assim Começa o Assalto Às Estrelas"

O primeiro satélite artificial da Terra, que foi lançado pelo povo soviético, virou uma nova página da História — A Era da Conquista do Cosmos. Não está muito longe o dia em que o homem deixará a Terra em viagem para outros planetas. Contudo, antes que esse sonho se torne realidade, os cientistas de todos os setores precisam resolver muitos problemas para garantir plena segurança aos futuros viajantes do espaço.

Que espera o homem, durante os vôos cósmicos? Uma violenta queda da pressão barométrica, quase equivalente a zero; falta de oxigênio e inexistência de qualquer espécie de atmosfera; importantes radiações ionizadas e solares; grande período de enorme aceleração; grande aumento de peso no momento em que o foguete é lançado e prolongado estado de completa ausência de peso depois da paralisação dos motores.

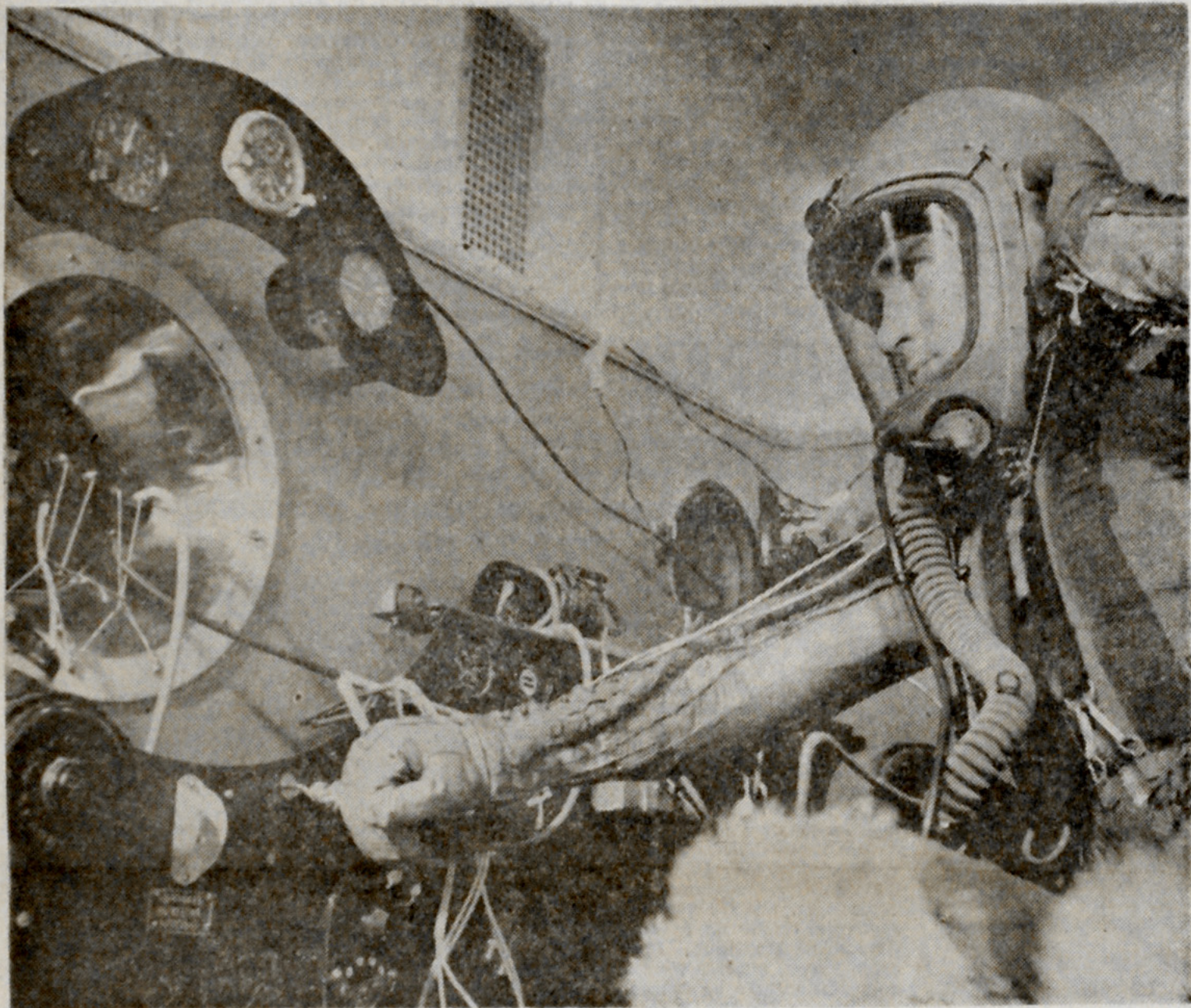
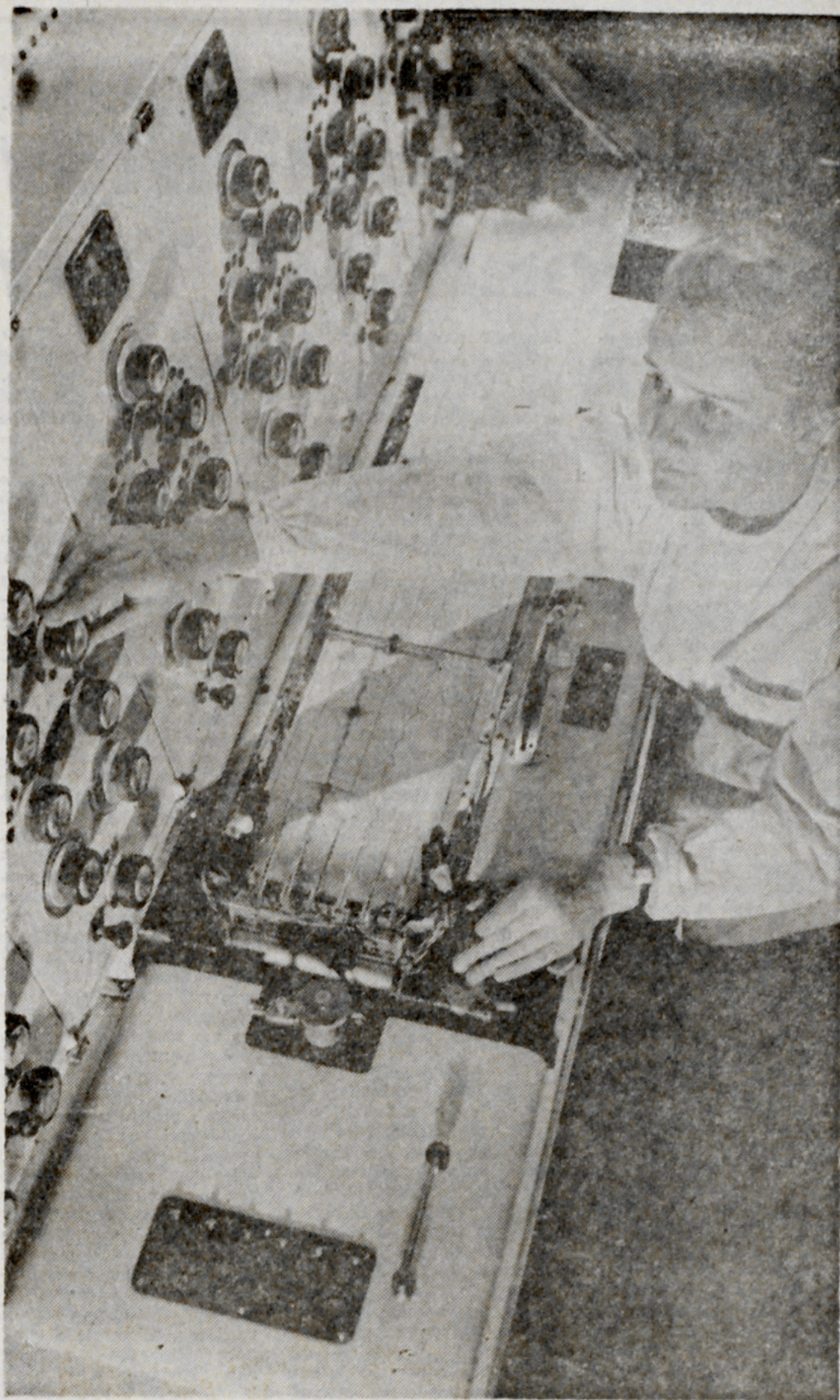
Embora na cabina do foguete sejam bastante atenuados os efeitos dos fatores nocivos, é, todavia, praticamente impossível criar em seu interior as mesmas condições da Terra. Os futuros conquistadores do Cosmos têm de ser pessoas ousadas e fisicamente fortes. É claro que os viajantes do espaço serão providos de meios que poderão usar para proteger-se em caso de

sucedem algo errado na cabina herméticamente fechada da nave dos espaços cósmicos.

Os cientistas, antes de mandar um homem ao espaço cósmico, estão realizando várias experiências com animais, em laboratório, assim como durante o lançamento dos foguetes geofísicos. Todos nós nos lembramos da brilhante experiência com o lançamento do segundo satélite artificial da Terra contendo a bordo a cadela Laika.

Até hoje o homem alcançou uma altitude de 30.000 metros. Cientistas, engenheiros e médicos trabalham no momento para resolver o problema de atingir, brevemente, altitudes mais elevadas. Está sendo construído equipamento especial, para elevadas altitudes, para vôos nas camadas superiores da atmosfera. Experiências de laboratório estão sendo feitas em condições próximas às reais. Estudam-se as reações do organismo humano, ao mesmo tempo em que os métodos de treinamento do homem para condições inusitadas de vida e atividade.

Os trabalhos dos cientistas soviéticos garantirão plena proteção ao homem durante esses vôos e sua volta incólume à Terra.



NOVOS RUMOS

PREPARAM-SE OS HOMENS

Diariamente, em diversos lugares da União Soviética, milhares de jovens voluntários são submetidos aos rigorosos testes necessários a uma viagem interplanetária.

No interior de cabinas que reproduzem as condições provavelmente existentes durante os vôos cósmicos, os voluntários passam horas a fio provando a sua capacidade de resistência às diferenças entre o meio ambiente a que estão acostumados, na Terra, e o do interior da cabina que, artificialmente, procura assemelhar-se ao máximo com o primeiro.

Nas fotos vemos um desses pilotos de prova, Genady Mikhailov, dentro da Câmara de altitude de uma nave interplanetária.

A jovem que também aparece nas ilustrações é a cientista Zoya Arapova, quando examinava no oscilógrafo o registro das reações fisiológicas do piloto de provas no interior da câmara de altitude da nave interplanetária.

